

adf

AFRICA DEFENSE FOR

A ASCENSÃO DA GUERRA HÍBRIDA

Inimigos Usam
Tecnologia
Antiga e Nova para
Desestabilizar Países

Os Custos
Ocultos dos
Mercenários
Russos

Pirataria Aumenta ao
Largo da Costa da
Somália

PLUS

Uma Conversa com o Major-General Simon Motswana Barwabatsile,
Comandante das Forças Terrestres do Botswana

VISITE-NOS EM ADF-MAGAZINE.COM

reportagens

- 8 A Máquina de Influência da Rússia**
Em todo o Sahel, as operações de desinformação apoiam regimes repressivos e prejudicam civis
- 14 Águas Agitadas**
Uma vaga de ataques ao largo do Corno de África bloqueia o transporte marítimo
- 20 'A Segurança é Tão Boa Quanto o Seu Provedor'**
Uma conversa com o Major-General Simon M. Barwabatsile, comandante do Comando das Forças Terrestres do Botswana
- 26 Pequenos, Baratos e Perigosos**
Os drones podem melhorar as missões a baixo custo, mas sem diretrizes podem exacerbar a insegurança
- 34 Custo Oculto**
Os serviços prestados através dos mercenários russos do Africa Corps conduzem à exploração e à instabilidade
- 40 Um Baluarte do Profissionalismo**
Enquanto os golpes de Estado se multiplicam na África Ocidental, as forças armadas do Senegal mantêm-se fiéis aos seus princípios fundadores
- 46 Criminosos Cibernéticos Vêm África como Campo de Ensaio**
Ransomware, pirataria informática e roubo de identidade assolam governos e empresas
- 50 Crime Transnacional Captura Países**
Empresas criminosas visam nações africanas para obter lucros e alimentar o terrorismo

colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

32 Batimento Cardíaco Africano

56 Ferramentas da Profissão

58 Força Futura

60 Defesa e Segurança

62 Manutenção da Paz

64 Trabalho em Equipa

66 Retrospectiva

67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online**

Visite-nos em adf-magazine.com



NA CAPA

Esta ilustração mostra que, na guerra híbrida, os adversários estão a utilizar ferramentas convencionais e não convencionais para lançar ataques.

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Já não é necessário um exército ou mesmo armas tradicionais para atacar um país. Alguns dos ataques mais devastadores podem ser levados a cabo utilizando apenas um computador, um telemóvel ou outra tecnologia pronta a usar.

Muitas vezes designada por “guerra híbrida,” esta categoria combina ataques convencionais e não convencionais. Inclui ameaças como ataques cibernéticos, desinformação ou ataques a importantes infra-estruturas nacionais. Alguns ataques híbridos são óbvios, outros podem passar despercebidos durante anos.

Os criminosos consideram as táticas híbridas como uma forma relativamente barata de causar um grande impacto. O objectivo é abalar a estabilidade do país visado.

A Rússia é um dos principais exportadores mundiais de guerra híbrida; nos últimos anos, utilizou esta estratégia para exercer controlo sobre os governos africanos. A sua estratégia híbrida visa influenciar as esferas política, de segurança, económica e social de um país. A Rússia envia mercenários com promessas de segurança, mas as suas táticas pesadas acabam por desestabilizar o país. Obtém o controlo de recursos naturais valiosos e utiliza campanhas de desinformação para influenciar a opinião pública a seu favor. Tem prejudicado as eleições e apoiado golpes de Estado.

À medida que as ameaças se multiplicam, os países africanos procuram formas de se protegerem. Uma das áreas de incidência é o aumento da capacidade de segurança cibernética. O continente tem mais de 650 milhões de utilizadores da internet e apenas cerca de 7.000 profissionais com formação em segurança cibernética. Esta falta de capacidade deixa expostas as agências governamentais, as empresas e as infra-estruturas críticas. Outro domínio é a melhoria da governação e da segurança. Os países com governos fracos ou corruptos e um sector de segurança ineficaz são os mais susceptíveis a interferências externas. Por último, os países podem garantir que os cidadãos dispõem de informações exactas. Em países sem uma imprensa livre e responsável, os cidadãos são facilmente manipulados por afirmações falsas. Este ambiente permite o desenvolvimento de campanhas de desinformação.

Estas ameaças não vão desaparecer e a protecção contra ataques híbridos deve ser um esforço de toda a sociedade. Ao educar o público, as entidades eleitas e os profissionais de segurança para reconhecerem as ameaças, os países estarão mais bem posicionados para resistir a estes ataques.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos



São necessárias novas acções de formação, sensibilização e reforço das instituições para nos defendermos dos ataques híbridos.



Ameaças Híbridas

Volume 17, 3º Trimestre

COMANDO AFRICANO
DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

ADF.Editor@ADF-Magazine.com

HEADQUARTERS U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

‘Somos os Guardiões Uns dos Outros’

O Presidente da Zâmbia, Hakainde Hichilema, discursou na 12.ª Cimeira das Forças Terrestres Africanas em Livingstone, Zâmbia, no dia 24 de Abril de 2024. O tema da conferência foi “Soluções regionais para problemas transnacionais.”

Hichilema foi o primeiro chefe de Estado a discursar na cimeira desde a sua primeira edição em 2010. Os seus comentários foram editados por questões de extensão e clareza.



SARGENTO DE 1.ª CLASSE LERON RICHARDS/EXÉRCITO DOS EUA



Queremos expressar a esta distinta reunião de comandantes a nossa satisfação pelo facto de mais de 38 países africanos se

reunirem aqui no nosso país nos dias em que aqui estivemos. Permitam-me também manifestar a nossa satisfação pela escolha do tema “Soluções regionais para problemas transnacionais.”

Este é um tema extremamente apropriado, tendo em conta os desafios que todos estamos a atravessar no nosso continente e não só.

Na qualidade de presidente do Órgão de Política, Defesa e Segurança da nossa comunidade económica regional denominada SADC, a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, estamos extremamente activos, trabalhando com outros Estados-membros para garantir a estabilidade da nossa região. E compreendemos a importância de manter a SADC estável para não contribuirmos para a instabilidade noutras partes de África e, invariavelmente, no mundo.

Permitam-me afirmar claramente que esta reunião constitui uma oportunidade valiosa para partilhar as melhores práticas sobre a forma como podemos promover colectivamente a paz nas nossas várias regiões. Isso é extremamente importante porque, por vezes, se não tivermos problemas no nosso país, começamos a sentir que a nossa responsabilidade termina aí. De modo nenhum. Somos os guardiões uns dos outros, nos nossos países, nos

nossos blocos regionais, no nosso continente e na nossa comunidade global.

A experiência mostra-nos que, se fecharmos os olhos ao que se passa noutros locais, estamos a comportar-nos como avestruzes, enfiando a cabeça na areia e pensando que todo o corpo está seguro. Não devemos comportar-nos como avestruzes.

Precisamos de uma África estável. É essa a nossa declaração. E esta cimeira não pode proporcionar melhor oportunidade ou plataforma para trocarmos notas. Por isso, declaramos, enquanto líderes, que estamos empenhados em melhorar a vida do nosso povo. Sabemos também que não podemos alcançar este objectivo sem manter a paz, a segurança e a estabilidade. É aí onde todos entramos. É essa a vossa principal responsabilidade enquanto pessoas sentadas nesta sala, trabalhando com os restantes cidadãos deste continente e de outros continentes.

E, como sabem, não podemos trabalhar como ilhas. Trabalhamos em uníssono com os outros, nesta nossa comunidade global. O nosso apelo à acção é que exortemos todos a contribuírem para assegurar um continente estável que mantenha uma paz duradoura, segurança e estabilidade para facilitar o crescimento económico mínimo.

A comunidade internacional deve fornecer ou trabalhar connosco no



Os comandantes das Forças Terrestres de todo o continente participam na 12.ª Cimeira das Forças Terrestres Africanas em Livingstone, Zâmbia, de 22 a 26 de Abril de 2024.

SARGENTO DE 1.ª CLASSE LERON RICHARDS/EXÉRCITO DOS EUA

continente em três domínios. O primeiro é a partilha de informações. O segundo é a partilha de capacidades, incluindo o terceiro, que é a tecnologia. Penso que, no ambiente actual, as aplicações tecnológicas são muito importantes, porque também podemos reduzir a colocação desnecessária dos nossos homens e mulheres em perigo quando somos capazes de aplicar a tecnologia ao que estamos a fazer para manter a paz, a estabilidade e a segurança.

A solidariedade africana é muito importante. Queremos afirmar que, fiel ao espírito africano, um bom vizinho não pode ficar passivo quando a casa do outro está a arder. Dada a natureza das nossas aldeias, porque o seu telhado está quase a tocar no telhado do vizinho, se não ajudar o vizinho a apagar o fogo, o fogo estender-se-á a si. Com efeito, a minha afirmação — e congratulo-me com o facto de ser repetida — confirma o que venho dizendo há anos: que instabilidade em algum lugar é instabilidade em todo o lado.

TANZÂNIA VAI USAR DRONES

para Monitorizar as Florestas

EQUIPA DA ADF

GETTY-IMAGES

A Agência dos Serviços Florestais da Tanzânia está a adicionar drones às ferramentas que utiliza para proteger as áreas florestais em declínio, que estão sob pressão de várias fontes.

“A tecnologia dos drones é importante porque nos ajudará a cobrir uma grande área e deixar o restante para as patrulhas que utilizam veículos e motocicletas,” disse Dos Santos Silayo, comissário da agência de conservação. A agência anunciou o envio de quatro novos veículos e cerca de 40 motorizadas para patrulhar as florestas da Tanzânia.

“Estamos empenhados em melhorar o sector, equipando-o com as ferramentas e os conhecimentos necessários para obter resultados positivos na conservação das florestas,” Angellah Kairuki, Ministra dos Recursos Naturais e Turismo da Tanzânia, disse numa cerimónia de inauguração do equipamento.

A Tanzânia tem 45,7 milhões de hectares de floresta que cobrem cerca de 40% do país. De acordo com o Banco Mundial, este valor é inferior aos 61% registados em 2000. A Tanzânia perde cerca de 400.000 hectares de floresta por ano, o que representa o dobro da taxa média mundial de desflorestação.

Os drones irão expandir a capacidade da Tanzânia de rastrear o crime nas florestas e monitorizar áreas menos acessíveis para que a agência possa fazer patrulhas de

forma mais eficaz, disse Kairuki. O plano reflecte a decisão do país de 2016 de utilizar drones para monitorizar a sua Área de Conservação de Ngorogoro, onde as aeronaves vigiam os caçadores furtivos e assustam os elefantes da área protegida.

A Tanzânia juntou-se a outros países africanos, incluindo Gana, Libéria, Madagáscar e Namíbia, que utilizam drones para monitorizar florestas ameaçadas. Quênia e Madagáscar também utilizam drones para espalhar sementes e reflorestar áreas danificadas. Noutros países, os drones podem instalar sensores nas florestas para ajudar a monitorizar a saúde das árvores.

A Tanzânia, em colaboração com a organização não-governamental ambiental Trees for the Future, faz parte de um consórcio de países africanos que está a utilizar drones para avaliar a cobertura arbórea, a fim de ajudar os agricultores a proteger a saúde das suas terras agrícolas e a prevenir a erosão.

A recolha ilegal de carvão vegetal e de lenha, a exploração mineira ilegal, o pastoreio de gado e a agricultura estão a consumir as florestas da Tanzânia, disse Kairuki.

As áreas ameaçadas incluem a reserva florestal de Kahe, com 1.095 hectares, que protege a água que flui do Monte Kilimanjaro. O abate ilegal de árvores e o pastoreio de gado são as principais causas da desflorestação, segundo os defensores das florestas.



Quênia Acolhe Seminário Sobre **UTILIZAÇÃO RESPONSÁVEL DA IA**

DEFENCEWEB

O Ministério da Defesa do Quênia co-organizou o seu primeiro seminário sobre a utilização responsável da inteligência artificial (IA) nas forças armadas em Junho de 2024.

Os Países Baixos e a Coreia do Sul foram os co-anfitriões do evento de dois dias em Nairobi. Estiveram presentes delegados e militares de mais de uma dezena de países para ouvir falar das oportunidades, desafios e riscos associados às aplicações militares da IA.

O evento ocorreu cerca de um mês depois de a Academia Militar da Universidade de Stellenbosch, na África do Sul, ter lançado uma unidade de investigação de IA para a defesa como centro de excelência em IA.

O seminário, o primeiro do género na África Oriental, foi subordinado ao tema “Utilização Regional Responsável da Inteligência Artificial nas Forças Armadas.”

Os participantes ouviram o Secretário do Gabinete da Defesa do Quênia, Aden Duale, prever que a IA não só reforçará as capacidades de defesa, como também ajudará a defender os “princípios da justiça, da paz e da dignidade humana.”

“O Quênia está empenhado em adoptar práticas éticas de IA nas operações militares para promover a segurança e a estabilidade em África e no mundo,” lê-se em parte no seu discurso. “Exorto-vos a partilharem as vossas ideias e a colaborar em soluções que orientem para uma utilização responsável e eficaz da IA nos nossos esforços militares.”

O General Charles Kahariri, chefe das Forças de Defesa do Quênia, afirmou que é essencial um “quadro regulamentar abrangente que regule a utilização da IA em operações militares.”

“A criação de capacidades locais para desenvolver, implementar e regular a IA é crucial,” afirmou. “Estes quadros devem abordar questões como a privacidade dos dados, a segurança e a utilização ética. Os decisores políticos devem trabalhar em estreita colaboração com tecnólogos, especialistas em ética e peritos militares para criar políticas que equilibrem a inovação com a responsabilidade.”

Participaram no evento o Burundi, os Camarões, a Etiópia, o Egipto, o Gana, Marrocos, a Namíbia, o Ruanda, o Senegal, a África do Sul, a Tanzânia e o Uganda.

O Secretário de Estado da Defesa do Quênia, Aden Duale, interveio no evento da IA.

FORÇAS DE DEFESA DO QUÊNIA

EXERCÍCIOS MILITARES AUMENTAM Prontidão da África Oriental

EQUIPA DA ADF

A 13.ª edição do exercício regional de treino no terreno da Comunidade da África Oriental (CAO), Ushirikiano Imara 2024, reuniu as nações parceiras regionais com o objectivo de reforçar as capacidades das componentes militares, policiais e civis para responder a desafios de segurança complexos.

As Forças de Defesa do Ruanda acolheram o evento, cujo nome se traduz como “construindo relações fortes,” em Junho de 2024. A formação em terra teve lugar na Academia Militar do Ruanda, em Gako, e nas suas imediações. O Ruanda acolheu um elemento marítimo no distrito de Rubavu.

Participaram no exercício os países-membros da CAO, o Quênia, o Ruanda, a Tanzânia e o Uganda. O tema foi “Reforço da integração do sector da segurança e aproveitamento dos interesses comuns em consonância com a paz e a estabilidade regionais da CAO.”

“A importância da segurança na integração regional não pode ser subestimada,” afirmou o Ministro da Defesa do Ruanda, Juvenal Marizamunda, aquando da abertura do exercício, segundo a defenceWeb. “De facto, nenhum país pode enfrentar sozinho os desafios de segurança actuais. Por conseguinte, é essencial que os países se unam como uma região para enfrentar colectivamente estes desafios em matéria de segurança.”

O cenário do exercício baseou-se na hipotética nação de Kangoma, na África Oriental, que passou por uma crise política, exigindo atenção às operações de apoio à paz, ao combate ao terrorismo, à pirataria e à gestão de catástrofes.

O director do exercício, Major-General Andrew Kagame, disse que o Ushirikiano Imara melhora a interoperabilidade e a cooperação, e desenvolve e aperfeiçoa as capacidades das operações de apoio à paz, combate ao terrorismo, pirataria e gestão de desastres. Além disso, cria compreensão e confiança mútuas, reforçando os laços que unem as nações.

“O exercício deste ano serve como testemunho da nossa determinação partilhada e da interoperabilidade reforçada na consolidação dos esforços de segurança, que assistirá a um reforço da confiança e da amizade entre os Estados-membros,” Marizamunda disse no encerramento do exercício, no dia 21 de Junho.

Participantes do 13.º exercício de treino de campo Ushirikiano Imara 2024 marcham durante a cerimónia de encerramento na Academia Militar do Ruanda, em Gako. MINISTÉRIO DA DEFESA DO RUANDA



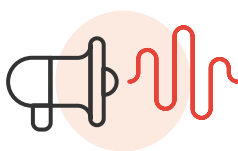


A MÁQUINA DE INFLUÊNCIA DA RÚSSIA

Em Todo o Sahel,
as Operações de
Desinformação Apoiam
Regimes Repressivos e
Prejudicam Civis

EQUIPA DA ADF

ILUSTRAÇÃO DA ADF



Quando o Ministério da Saúde do Burquina Faso declarou uma epidemia de dengue, no dia 18 de Outubro de 2023, já havia milhares de casos e centenas de mortes. A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirmou que este foi o surto mais mortífero da doença registado naquele país da África Ocidental nos últimos anos.

Seguiu-se rapidamente um outro surto perigoso: um dilúvio de desinformação russa.

Os utilizadores das redes sociais, incluindo muitos que se acredita serem apoiados pelo governo russo, começaram a atacar o trabalho da Target Malaria, uma organização de investigação sem fins lucrativos que luta contra doenças transmitidas por mosquitos. O grupo, que é apoiado pela Fundação Bill & Melinda Gates, tem trabalhado para prevenir a malária no Burquina Faso desde 2012.

“Mas um exército de falsos utilizadores das redes sociais acusou falsamente o grupo de espalhar doenças, de transformar mosquitos em armas e de criar armas biológicas, ao mesmo tempo que elogiava a Rússia,” segundo a Agence France-Presse.

Perante a campanha de desinformação organizada, a Target Malaria foi forçada a responder classificando os ataques de “falsos” e “profundamente lamentáveis.” Os

especialistas afirmam que a campanha de desinformação é apenas uma parte de um esforço concertado e sistemático da Rússia para semear a desconfiança em instituições básicas como os cuidados de saúde, o governo, as Nações Unidas e até as organizações humanitárias internacionais.

No centro da campanha russa estava a Iniciativa Africana, um meio de comunicação online com profundas ligações ao falecido chefe do Grupo Wagner, Yevgeny Prigozhin, que construiu uma rede obscura de mercenários, desinformação e operações mineiras em África antes de morrer num misterioso acidente de avião em Agosto de 2023. Na sequência da morte de Prigozhin, o Ministério da Defesa da Rússia assumiu as operações do Grupo Wagner no continente e rebaptizou-o com o nome de Africa Corps.

Em Setembro de 2023, no momento em que aumentavam os casos de dengue no Burquina Faso, a televisão militar russa Zvezda transmitiu uma notícia anunciando o lançamento da Iniciativa Africana.

Artyom Kureev, director-geral da Iniciativa Africana, afirmou que a sua organização pretende tornar-se a “ponte de informação entre a Rússia e África.” Mas o seu verdadeiro objectivo é disfarçar e espalhar a desinformação na esperança de que seja vista como uma reportagem independente e não como uma campanha de propaganda dirigida por Moscovo.



Um dístico do Presidente Vladimir Putin, da Rússia, aparece num comício da junta do Burkina Faso, em Ouagadougou. AFP/GETTY IMAGES

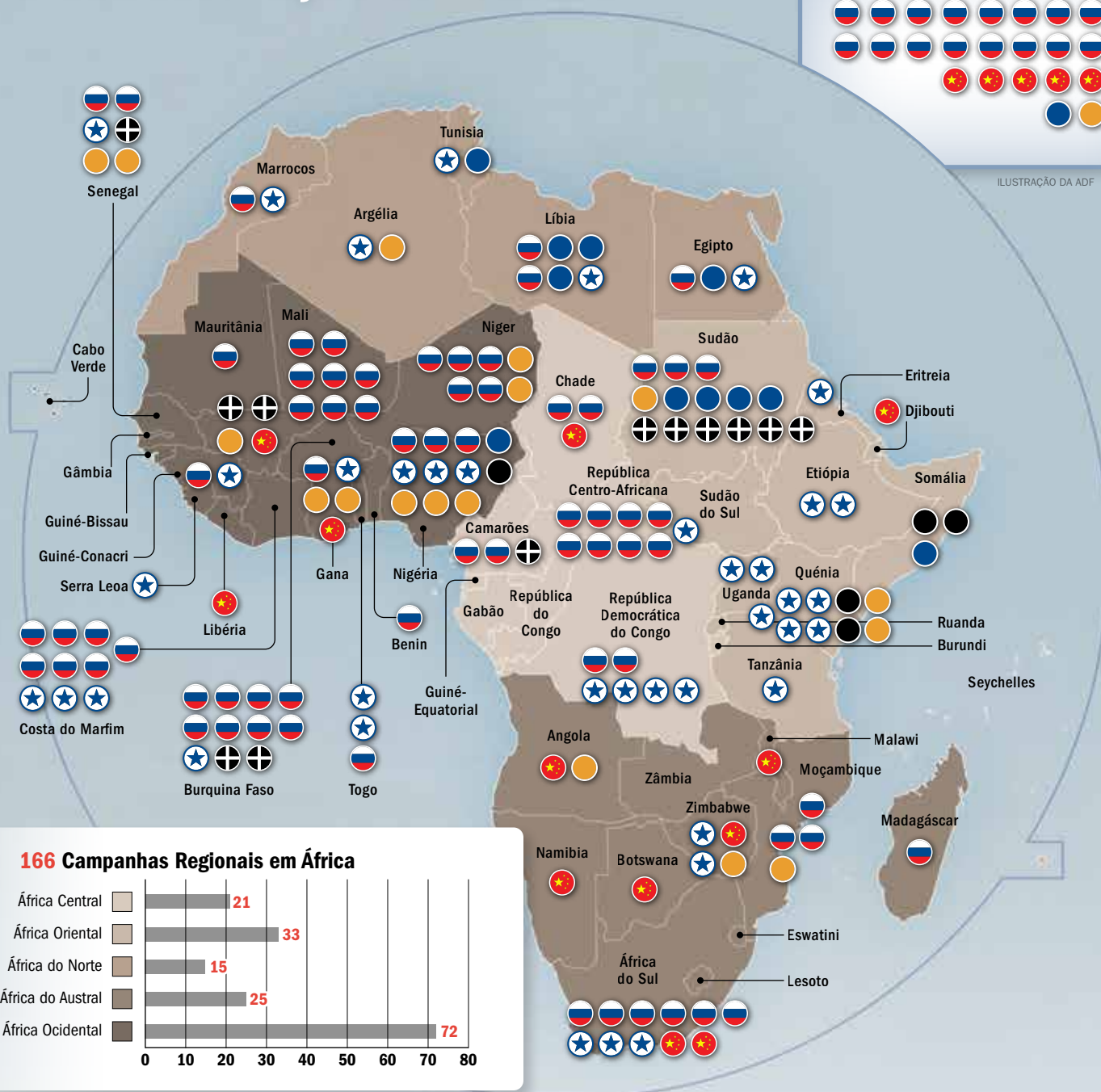
Centro de Estudos Estratégicos de África

Mapa Regional da Desinformação em África

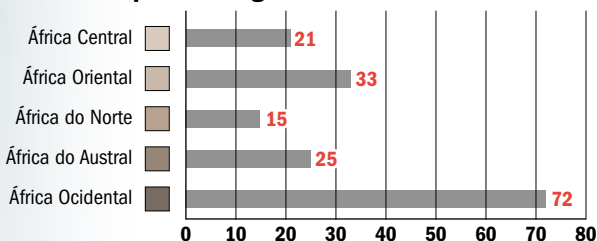
23 Campanhas Transafricanas



ILUSTRAÇÃO DA ADF



166 Campanhas Regionais em África



Patrocinadores

- Actores ligados ao PCC
- Actores políticos nacionais
- Actores ligados ao Kremlin
- Actores militares (incluindo juntas)
- Actores de grupos militantes islâmicos
- Outros actores estrangeiros
- Outros intervenientes ou indeterminados

“A Rússia está ligada a 80 das 189 campanhas que identificámos e mapeámos, o que representa 40% destas campanhas de desinformação. Este tipo de guerra cognitiva é uma estratégia que vem do Ministério da Defesa russo.”

~ Dr. Mark Duerksen, Centro de Estudos Estratégicos de África



O Presidente Vladimir Putin, da Rússia, é gravado em vídeo na Cimeira Rússia-África, em São Petersburgo, no dia 28 de Julho de 2023. THE ASSOCIATED PRESS



A OMS comunicou um aumento do número de casos de dengue, que passou de seis em Julho de 2023 para “uns impressionantes 708 casos” até 9 de Setembro, e apelou à colaboração com parceiros como a Target Malaria. “Dada a taxa de positividade ... é imperativo manter e reforçar as medidas de saúde pública,” afirmou a OMS num boletim semanal.

As redes de desinformação russas tornaram essa tarefa muito mais difícil.

O Dr. Mark Duerksen, investigador associado do Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS), passou anos a analisar o impacto crescente das campanhas de desinformação nos sistemas de informação em rápida mudança do continente. Ele classificou a recente campanha de desinformação no Burquina Faso como a provável “próxima vaga” da Rússia.

“Há indícios de que a Iniciativa Africana esteja a analisar a saúde pública como algo passível deste tipo de guerra de informação,” disse à ADF. “Parece que encontraram outro ponto fraco que vão explorar. É mutio cínico, porque vai dificultar os esforços de saúde pública no continente. Vai fazer com que menos pessoas tenham acesso aos cuidados de saúde.”

A Desinformação Russa no Sahel

A guerra híbrida combina formas convencionais de conflito armado com instrumentos estratégicos não convencionais, incluindo operações de informação para influenciar e subverter ou reenquadrar acontecimentos. Duerksen diz que faz parte do “conjunto de serviços” que a Rússia oferece a regimes autocráticos isolados, como as juntas militares que assumiram o controlo do Burquina Faso, do Mali e do Níger nos últimos anos.

Em primeiro lugar, a Rússia identifica e inflama as

queixas locais. No Sahel, a maior vulnerabilidade é a ineficácia das forças de segurança que enfrentam uma vaga de organizações extremistas violentas em expansão — grupos regionais com ligações à al-Qaeda e às organizações terroristas do grupo Estado Islâmico.

Em seguida, os operativos russos cultivam influenciadores locais que espalham propaganda e desinformação, enquanto constroem uma rede nas redes sociais e promovem manifestações para dar a aparência de apoio popular. Depois, chegam os mercenários russos que lideram o treino e as operações de combate ao terrorismo, estabelecendo o seu pagamento através de contratos de extracção de minerais. Na sequência das suas operações militares no Mali e na República Centro-Africana, o Grupo Wagner foi acusado de forma credível de numerosos massacres de civis, atrocidades, violações de direitos humanos e outros crimes de guerra.

Quando os mercenários estiverem no terreno, as campanhas de desinformação e de influência podem ser declaradas um êxito.

Como chefe de investigação da Logically, uma empresa de tecnologia que acompanhou uma onda de narrativas pró-russas e antifrancesas relacionadas com o Níger em torno do golpe militar do país em 2023, Kyle Walter há muito que suspeita que o financiamento russo e as redes de comunicação social são responsáveis por falsas manifestações populares. O New York Times noticiou que Ahmed Bello, o presidente de um grupo da sociedade civil nigerina cujo acrónimo se escreve Parade, distribuiu cerca de 70 bandeiras russas em vários protestos em Niamey e que o governo russo

Mercenários russos do Grupo Wagner servem de guarda-costas ao Presidente da República Centro-Africana, Faustin-Archange Touadera.

REUTERS



Uma mulher escuta as notícias na rádio em Bangui, República Centro-Africana. A Rússia tem tentado ganhar influência no continente através de programas radiofônicos. AFP/GETTY IMAGES

financiou actividades semelhantes no Mali através de intermediários.

“É com eles que trabalhamos para desenvolver a expansão da ideologia russa em África,” Bello disse ao Times.

Investigadores da Microsoft identificaram o Parade como sendo obra do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia, e um alto funcionário militar europeu disse ao Times que o grupo é uma capa das operações apoiadas pelo Kremlin no continente.

“É todo um conjunto de ferramentas,” disse Duerksen, explicando o projecto do Grupo Wagner. “Pode ajudar [as juntas] a manterem-se no poder e a manter a oposição e os jornalistas à distância.

Quando a desinformação que estão a oferecer ajudou a levar estes regimes ao poder, no caso das juntas militares [do Sahel], estão interligados com esses regimes.”

Num relatório de Março de 2024, elaborado com base no trabalho de mais de 30 investigadores e organizações africanas, o ACSS identificou a Rússia como o principal patrocinador da desinformação em África.

“A Rússia está ligada a 80 das 189 campanhas que identificámos e mapeámos, o que representa 40%

Bandeiras russas expostas no principal mercado de Ouagadougou, Burquina Faso.

AFP/GETTY IMAGES



destas campanhas de desinformação,” disse Duerksen. “Este tipo de guerra cognitiva é uma estratégia que vem do Ministério da Defesa russo. Não se trata apenas de um projecto paralelo. Esta é uma ênfase clara para os militares russos, e eles fazem-no de forma bastante sistemática.”

Enquanto o governo russo negava anteriormente quaisquer ligações com as operações dos seus grupos mercenários, a passagem da rede do Grupo Wagner de Prigozhin para o Africa Corps, controlado pelo exército, é profunda na medida em que a Rússia é agora responsável pelas suas acções.

“Quem é que vai ficar com essa responsabilidade com algum tipo de prestação de contas?” Duerksen indagou. “O Grupo Wagner sempre lhes deu a possibilidade de garantir que não estavam associados ao que quer que estivessem a fazer. Agora os russos detêm a responsabilidade.”

O Projecto do Grupo Wagner

O Grupo Wagner foi o principal veículo da Rússia para as suas ambições em África desde 2017, quando Prigozhin e os seus mercenários chegaram e começaram a construir uma rede em expansão.

“Estavam a tentar uma série de táticas de desinformação diferentes, a promover uma série de narrativas diferentes, até mesmo narrativas contraditórias, como o apoio a dois candidatos políticos ao mesmo tempo,” disse Duerksen. “Parece que estavam a fazer uma espécie de estudo de mercado, muita experimentação.”

Uma das estratégias mais eficazes é a utilização das línguas locais nas redes sociais e a contratação de pessoas locais para espalhar a desinformação.

“Perceberam que o mensageiro é importante, que ter alguém que fale a língua local, que esteja realmente em sintonia com os problemas locais ou que fale o dialecto local é muito melhor do que um canal do Grupo

Wagner no Telegram baseado em São Petersburgo,” disse Duerksen. “Vêm-nos como a vanguarda da sua influência e como podem levar grupos para as ruas.”

No Sahel, com a sua complicada história francófona, a Rússia encontrou um consumidor vulnerável e disposto a consumir a sua desinformação.

“Havia problemas de segurança,” disse Duerksen, “por isso, eles martelaram estas mensagens e tentaram distorcer o discurso político para este tipo de desilusão, este cinismo, este tipo de energia tóxica, não a canalizando para nada de construtivo ou produtivo, mas para a apologia de golpes militares. Actualmente, é uma espécie de política niilista.”

Duerksen afirmou que parte do projecto de desinformação da Rússia consiste em concentrar-se em três públicos.

O primeiro grupo é constituído por pessoas locais que consomem conteúdos de desinformação, adoptam-nos e tornam-se amplificadores e portadores de padrões. “São eles que estão na rua a segurar bandeiras russas,” disse Duerksen. “Trata-se de um pequeno grupo, aqueles que se tornaram efectivamente os fornecedores locais.”

O segundo grupo é mais vasto, com pessoas locais para quem os conteúdos de desinformação são concebidos para confundir e resultar num desinteresse pela política e pelas questões sociais.

“Muitas vezes são intimidados. Se tentarem expressar uma opinião ou fazer uma pergunta em alguns destes espaços de informação, o exército de trolls cai sobre eles.”

O terceiro grupo é constituído pelos meios de comunicação social e observadores regionais e internacionais que, por vezes, partilham apenas um conhecimento superficial de questões e assuntos distantes. “É difícil cobrir os acontecimentos, por isso, são enquadrados como uma revolta popular. Penso que isso se tornou intencionalmente fabricado em torno das tendências do Sahel. É a promoção de um objectivo estratégico que a Rússia tem na região.”

O analista Dan Whitman, do Foreign Policy Research Institute, concluiu de forma semelhante que a Rússia está a explorar e a lucrar com a violência no Sahel.

“A instabilidade é o Jardim do Éden da desinformação,” disse à Voz da América. “Diria que [em] dois ou três anos, [a Rússia] alcançou os mais rápidos sucessos de propaganda na história da propaganda.”

Resistindo à Narrativa

A desinformação russa tem sido utilizada para proteger regimes autoritários da responsabilização. Deste modo, as juntas militares do Sahel não são diferentes do reinado opressivo de Vladimir Putin na Rússia. Campanhas de desinformação intermináveis significam que haverá sempre outra distração, outra forma de desviar as críticas, outro inimigo interno ou externo para culpar. Mas a resistência é inevitável, especialmente no Sahel, onde a insegurança afecta quase todas as vidas e só está a piorar.

Em Abril, mais de 80 partidos políticos e grupos civis do Mali emitiram declarações conjuntas, apelando à

realização de eleições presidenciais e ao fim do regime militar. A junta do Mali respondeu com mais opressão, suspendendo todas as actividades políticas e impedindo os meios de comunicação social de cobrir assuntos políticos — medidas que alegou serem necessárias “por razões de ordem pública.”

Mas os dissidentes do Mali estão a mostrar que não vão desaparecer.

“Perceberam que o mensageiro é importante, que ter alguém que fale a língua local, que esteja realmente em sintonia com os problemas locais ou que fale o dialecto local é muito melhor do que um canal do Grupo Wagner no Telegram baseado em São Petersburgo.”

~ Dr. Mark Duerksen, Centro de Estudos Estratégicos de África



Enrolado numa bandeira russa, um apoiante da junta do Burquina Faso fala durante uma manifestação em Ouagadougou, no dia 6 de Outubro de 2022. AFP/GETTY IMAGES

No dia 24 de Abril de 2024, um grupo de partidos políticos e organizações da sociedade civil recorreu ao Tribunal Supremo do Mali “com o objectivo de anular o decreto que consideram tirânico e opressivo.”

A mera existência de resistência é um sinal claro de que um ecossistema mediático de desinformação não é invulnerável. Ao reagir, as pessoas minam a narrativa de que os seus governantes militares têm apoio popular. Em todo o Sahel, não é difícil para os malianos, burquinabês e nigerinos verem que os seus pretensos líderes do governo de transição não tencionam realizar eleições tão cedo.

“As coisas não estão a correr bem no Sahel sob estes regimes militares,” disse Duerksen. “A segurança está a piorar. As economias estão a desintegrar-se. Este tem sido um dos grandes truques destas campanhas de desinformação. Ajudaram a criar e a manter viva esta imagem de que as juntas militares são populares.” □

ÁGUAS AGITADAS

UMA VAGA DE ATAQUES AO LARGO
DO CORNO DE ÁFRICA BLOQUEIA
O TRANSPORTE MARÍTIMO

EQUIPA DA ADF



Um navio de carga afunda depois de ter sido atacado por rebeldes Houthi no Mar Vermelho. GETTY IMAGES

Alguns analistas receavam que os piratas somalis estivessem a encenar um regresso quando um navio mercante com pavilhão maltês, o Ruen, foi sequestrado ao largo da costa da Somália em Dezembro de 2023, marcando o primeiro ataque bem-sucedido a um navio deste tipo na região em seis anos.

O aumento da pirataria nos meses que se seguiram deixou poucas dúvidas de que os piratas somalis estão de volta e parecem mais capazes do que nunca, lançando ataques a grandes distâncias da costa da Somália.

De acordo com o Gabinete Marítimo Internacional, registaram-se 33 incidentes de pirataria e assaltos à mão armada contra navios por piratas somalis nos primeiros três meses de 2024, um aumento em relação aos 27 incidentes registados no mesmo período de 2023. Durante esse período, os piratas mantiveram 35 membros da tripulação como reféns, raptaram nove e ameaçaram outros.

“Trata-se de um grande, grande aumento em termos de actividade pirata,” Ian Ralby, especialista em segurança marítima e PCA da I.R. Consilium, disse à ADF. “É a maior actividade que vimos nos últimos seis anos e é provavelmente o pior período que tivemos desde o declínio vertiginoso em Maio de 2012.”

Os piratas mantiveram o Ruen em cativeiro até Março, altura em que a Marinha Indiana resgatou o navio e os 17 reféns. O navio indiano capturou 35 piratas armados durante uma operação de quase 40 horas ao largo da costa da Somália.

A Marinha Indiana afirmou que seguiu o navio antes de lançar a operação de salvamento e interceptar o navio a cerca de 260 milhas náuticas a leste da Somália. Confirmou a presença de piratas armados através de um drone lançado de um navio.

“Num acto hostil imprudente, os piratas abateram o drone e dispararam contra o navio de guerra da Marinha Indiana,” afirmou um porta-voz da Marinha Indiana numa reportagem da defenceWeb. “Numa resposta calibrada de acordo com as leis internacionais, [um navio da Marinha Indiana] desactivou o sistema de direcção do navio e as ajudas à navegação, obrigando o navio pirata a parar.”

As autoridades prenderam os piratas e levaram-nos para a Índia para serem julgados. Ralby está ansioso por saber o resultado da acção judicial.

“Nada muda mais o cálculo do risco-recompensa do que ser julgado e condenado a um longo período de prisão quando se trata de pirataria,” disse Ralby. “É um risco que a maioria não quer correr, e a recompensa é difícil de alcançar se tivermos a presença constante de forças navais dispostas a fazer pontaria com uma espingarda ou a recolhê-los e levá-los a tribunal.”

Segundo a força naval da União Europeia, o Ruen terá sido utilizado como base para a tomada de um cargueiro com o pavilhão do Bangladesh ao largo da costa da Somália, em meados de Março. Trata-se de uma tática comum utilizada pelos piratas somalis, a maioria dos quais oriundos do Estado semiautónimo de Puntland.

Em Janeiro de 2024, piratas somalis sequestraram oito navios de pesca no Oceano Índico Ocidental e utilizaram pelo menos cinco deles para realizar mais ataques, de acordo com o grupo Neptune P2P, uma empresa internacional de segurança privada. O aumento da pirataria somali coincide com o facto de as marinhas internacionais abandonarem as águas em torno da Somália para se defenderem dos repetidos ataques da milícia Houthi do Iémen no Mar Vermelho e noutras águas regionais.

“TRATA-SE DE UM GRANDE, GRANDE AUMENTO EM TERMOS DE ACTIVIDADE PIRATA.”

— Ian Ralby,
especialista em protecção do transporte marítimo e PCA da I.R. Consilium

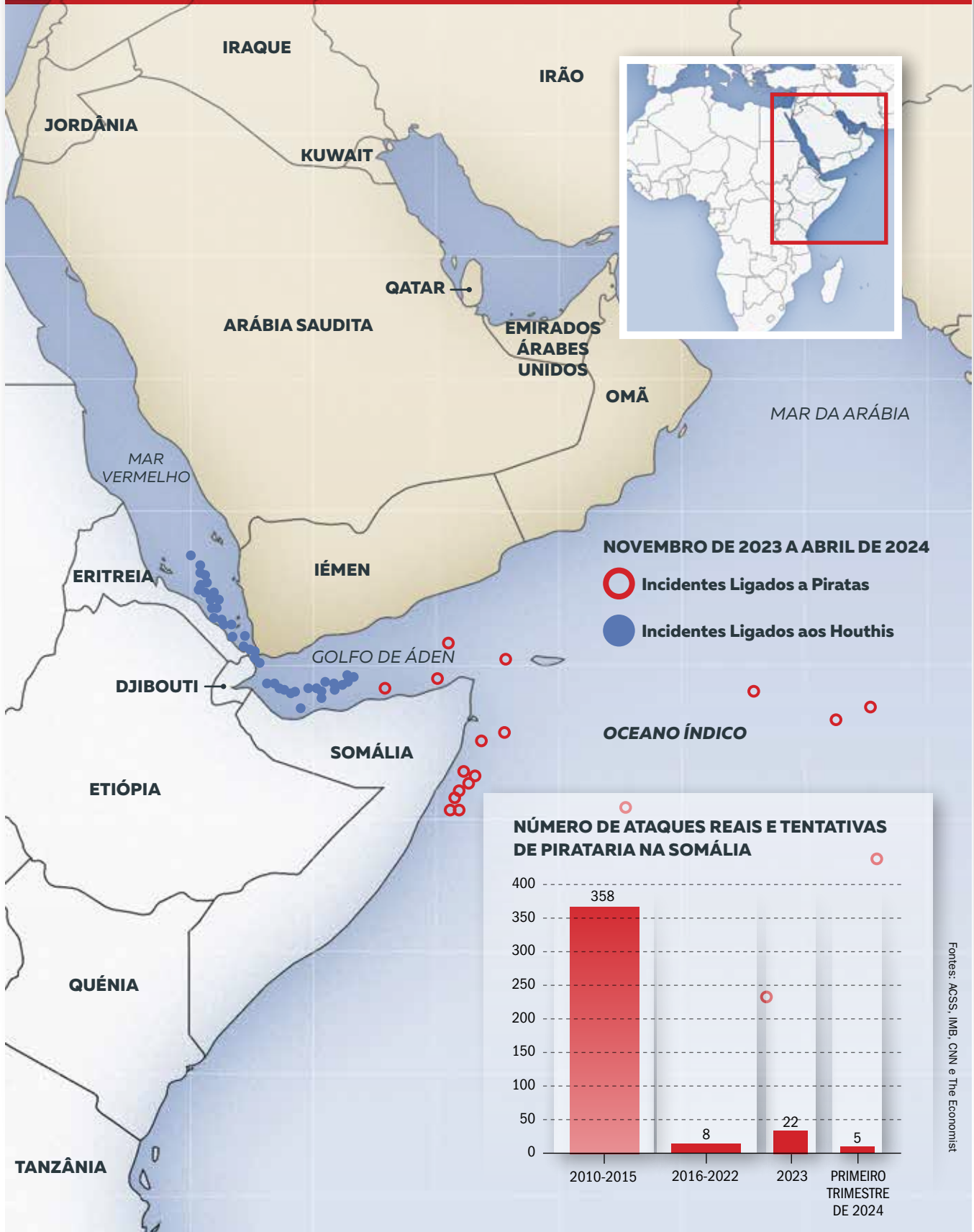
“À medida que vemos os Houthis lançarem os seus ataques ao comércio marítimo global, é óbvio que todos na região tenham desviado a sua atenção para proteger a navegação e proteger o aumento maciço do volume de tráfego ao longo da costa africana que se desviou para evitar completamente o Mar Vermelho,” disse Ralby. “É o cenário perfeito para os piratas procurarem obter vantagens criminosas mais uma vez.”

Dois membros de gangues somalis confirmaram à Reuters que estavam a aproveitar a distração proporcionada pelos ataques dos Houthi, a várias centenas de milhas náuticas a norte, para voltarem à pirataria, depois de terem estado inactivos durante quase uma década.

Abdinasir Yusuf, do Centro de Desenvolvimento e Investigação de Puntland, atribuiu o aumento da pirataria somali a conflitos políticos que distraíram as forças de segurança, bem como à presença de navios de pesca estrangeiros que prejudicam a subsistência dos pescadores locais.

“A pirataria nunca parou,” Yusuf disse ao The Economist, “foi dominada.”

AMEAÇAS MARÍTIMAS NAS ÁGUAS DA ÁFRICA ORIENTAL



PERTURBAÇÃO DO COMÉRCIO MUNDIAL

A convergência dos ataques dos piratas somalis e dos Houthis está a perturbar o comércio mundial. As vias navegáveis ao largo da Somália são algumas das mais movimentadas do mundo. Todos os anos, cerca de 20.000 embarcações passam pelo Golfo de Áden a caminho do Mar Vermelho e do Canal de Suez — a rota marítima mais curta entre a Ásia e a Europa. Os ataques, que frequentemente incluem pedidos de resgate, aumentaram os custos de segurança e de seguros.

Os sequestros alargaram a área em que as seguradoras impõem prémios adicionais de risco de guerra aos navios. Estes prémios são um custo adicional que as companhias de seguros cobram para cobrir os riscos associados à guerra, ao terrorismo e à agitação política em zonas de conflito. Os prémios de risco de guerra acrescentam centenas de milhares de dólares ao custo de uma viagem típica de sete dias, funcionários da indústria de seguros disseram à Reuters. O custo de contratar uma equipa de guardas armados privados a bordo dos navios durante três dias também aumentou em Fevereiro de 2024 para entre 4.000 e 15.000 dólares mensais, um aumento de cerca de 50%.

No dia 15 de Abril, os piratas somalis cobraram um resgate de 5 milhões de dólares depois de libertarem o

cargueiro Abdullah do Bangladesh e cerca de 23 tripulantes. Em meados de Março, os piratas apoderaram-se do navio de transporte de carvão a cerca de 600 milhas náuticas a leste da Somália.

“O dinheiro foi-nos trazido há duas noites, como de costume,” Abdirashiid Yusuf, um dos piratas envolvidos no sequestro, disse à Reuters. “Verificámos se o dinheiro era falso ou não. Depois, dividimos o dinheiro por grupos e partimos, evitando as forças governamentais.”

Nos seus tempos áureos, os piratas somalis cobravam 53 milhões de dólares de resgate por ano, segundo o Banco Mundial. A pirataria atingiu o seu auge na Somália quando os piratas lançaram 212 ataques em 2011, durante os quais 1.200 tripulantes foram feitos reféns e 35 morreram. Nesse ano, o grupo de monitorização Oceans Beyond Piracy calculou que a pirataria custou à economia mundial cerca de 7 bilhões de dólares.

As autoridades registaram apenas cinco ataques de piratas somalis entre 2017 e 2020. O abrandamento foi atribuído a operações navais coordenadas de combate à pirataria, a medidas de segurança, tais como guardas armados nos navios e ao aumento da perseguição e detenção de piratas.



A polícia marítima somali patrulha ao largo da costa do Estado semiautônomo de Puntland, onde muitos ataques piratas têm origem.

THE ASSOCIATED PRESS



Piratas somalis condenados de pé atrás de um portão de prisão em 2016. AFP/GETTY IMAGES

O Presidente da Somália, Hassan Sheikh Mohamud, reconheceu a nova ameaça de pirataria em Março de 2024. “Se não acabarmos com [a pirataria] enquanto ainda está a dar os primeiros passos, pode voltar a ser o que era,” Mohamud disse à Reuters.

Os analistas do The Economist duvidam que a pirataria regresse aos níveis de 2011, porque as oportunidades expostas pelos Houthis acabarão por diminuir.

O ENVOLVIMENTO DO AL-SHABAAB

No início de 2024, surgiram notícias de que os militantes do al-Shabaab na região de Sanaag, no norte da Somália, tinham feito uma oferta de cooperação com os piratas. Os analistas acreditam que o acordo consiste em fornecer protecção aos piratas em troca de 30% de todas as receitas de resgates e de uma parte de qualquer pilhagem, noticiou o jornal dos Emirados, The National. O acordo poderá fornecer fundos essenciais ao al-Shabaab, depois de o governo somali ter reprimido as suas outras fontes de dinheiro ilegais e congelado as suas contas bancárias. Os terroristas também são suspeitos de negociar com piratas e rebeldes Houthis para adquirir armas.

Os ataques dos Houthis ao comércio marítimo “são uma grande inspiração para qualquer pessoa que tenha a capacidade e a intenção de atacar a navegação,” porque os Houthis conseguiram ganhar visibilidade, legitimidade e credibilidade a nível mundial, o que lhes permitiu recrutar mais membros, o que pode atrair os piratas e os seus apoiantes, disse Ralby.

“É aí onde se mantém a preocupação de que o al-Shabaab — quase por ciúme da ascensão dos Houthis — faça alguma coisa para recuperar a sua própria visibilidade e o seu impulso,” acrescentou Ralby. “Por isso, se o al-Shabaab estiver atento, o que estou certo de que está, devido ao fluxo de tráfico de armas de longa data que passou pelo al-Shabaab até ao Iémen, suspeito que o al-Shabaab procurará oportunidades semelhantes para ganhar impulso e proeminência. Esta é uma área de verdadeira preocupação.”

Historicamente, os piratas não têm estado ligados a organizações terroristas, uma vez que os piratas quase só procuram dinheiro, enquanto os terroristas procuram financiamento por razões ideológicas. A ligação entre piratas e terroristas pode ser perigosa, argumentou Ralby.



“DEVEREMOS ASSISTIR A UMA DISSUAÇÃO MAIS EFICAZ E ESPERAMOS QUE QUALQUER TIPO DE ACTIVIDADE OPERACIONAL NA ÁGUA SEJA ACOMPANHADO DE UM DESFECHO LEGAL EM TRIBUNAL, DE MODO A GARANTIR QUE OS PIRATAS SÃO VERDADEIRAMENTE RESPONSABILIZADOS E NÃO APENAS APANHADOS E LIBERTOS.” – Ian Ralby

“Porquê? Porque se estamos a classificar os piratas como terroristas, torna-se muito difícil negociar um resgate,” disse. “Se estivermos a tentar retirar pessoal ou um navio raptado do controlo dos piratas e lhes chamarmos terroristas, dificultamos a nossa própria capacidade de os recuperar.”

Afirmou que espera que a “resistência feroz” à pirataria por parte da Marinha Indiana e de outras forças internacionais impeça novos ataques, “embora seja provável que haja mais.”

Um instrumento importante na luta contra a pirataria é o Centro de Coordenação Regional de Operações (RCOC) das Seychelles, que organiza

operações regulares de segurança marítima.

Em Dezembro, o RCOC alargou a sua área de responsabilidade e coordena agora as operações de combate a crimes marítimos em 21 países.

“Este é um mecanismo muito forte que não existia anteriormente,” disse Ralby. “Por isso, deveremos assistir a uma dissuasão mais eficaz e esperamos que qualquer tipo de actividade operacional na água seja acompanhado de um desfecho legal em tribunal, de modo a garantir que os piratas são verdadeiramente responsabilizados e não apenas apanhados e libertos. Isso não é uma dissuasão eficaz.” □

Comandos da Marinha Indiana vigiam homens somalis acusados de sequestrar o cargueiro MV Ruen, de bandeira maltesa, em Dezembro de 2023.

THE ASSOCIATED PRESS



ILUSTRAÇÃO DA ADF



'A SEGURANÇA É TÃO BOA QUANTO O SEU PROVEDOR'

O MAJOR-GENERAL SIMON M. BARWABATSILE, COMANDANTE DO COMANDO DAS FORÇAS TERRESTRES DO BOTSWANA, CONSIDERA QUE OS INVESTIMENTOS NA FORMAÇÃO E NO PROFISSIONALISMO SÃO ESSENCIAIS

EQUIPA DA ADF

O Major-General Simon Motswana Barwabatsile

é o comandante do Comando das Forças Terrestres e o comandante da Força Conjunta da Força de Defesa do Botswana (BDF). Entrou para a BDF em Março de 1989 e subiu na hierarquia como comandante de unidades blindadas. Em 2015, foi promovido a brigadeiro como comandante de um grupo de brigada blindada. Foi nomeado major-general em Setembro de 2023 e assumiu os seus actuais comandos da BDF nessa altura. Serviu na operação humanitária liderada pelos EUA em 1993, conhecida como Restore Hope, na Somália, e serviu na Missão da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral em Moçambique, de Fevereiro a Novembro de 2022, como vice-comandante da força, comandante interino da força e chefe interino da missão. Barwabatsile falou à ADF na Cimeira das Forças Terrestres Africanas, realizada de 22 a 26 de Abril de 2024, em Livingstone, Zâmbia. A entrevista foi editada por questões de espaço e clareza.



ADF: *Qual é a sua principal prioridade como comandante do Comando das Forças Terrestres?*

BARWABATSILE: Penso que o que é importante, antes de mais, é investir nos recursos humanos. O capital humano é a nossa principal capacidade. Em termos de educação e formação militar profissional, temos de investir nelas, desenvolver todas as competências necessárias que se assemelhem à capacidade das forças terrestres — especialistas, infantaria, blindados, artilharia, defesa aérea, e depois os especialistas como engenheiros, capacidades de reconhecimento. Temos de desenvolvê-los ao nível mais avançado para que possam trabalhar sintonia.

E, depois, desenvolver capacidades em termos de unidades prontas para o combate e equipá-las adequadamente, começando pelo soldado individual, especialmente na protecção individual da força, porque, como sabe, o ambiente operacional contemporâneo está infestado de meios letais, especialmente quando se fala de terrorismo. Precisamos de uma protecção das forças, tanto a nível individual como a nível das unidades.

ADF: *Que acções tomou até agora para concretizar essas prioridades?*

BARWABATSILE: Penso que posso dizer que, graças aos meus antecessores, eles já começaram a trabalhar em alguns destes domínios, cabendo-me agora a mim desenvolvê-los. Neste momento, estamos a trabalhar em termos de formação especializada, pelo que temos de nos basear nisso e, depois, avançar para a criação de equipas — equipas prontas para o combate, unidades prontas para o combate — que possam combater em conjunto de forma eficaz.

ADF: *Há alguns anos, como brigadeiro, supervisionou as operações de combate à caça furtiva no Botswana. Qual é o estado actual da caça furtiva e do crime contra a vida selvagem no Botswana e o que é que a BDF está a fazer para o combater?*

BARWABATSILE: Em todo o país, temos centros onde existem equipas de coordenação interagências que trabalham em conjunto, partilhando informações no mais curto espaço de tempo possível. E não o fizemos apenas dentro do nosso país; construímos também colaboração, cooperação e relações com os nossos Estados vizinhos, ao ponto de podermos partilhar informações com facilidade e no mais curto espaço de tempo possível. É um jogo de tempo quando se trata destas questões de caça furtiva. Se se souber atempadamente da intenção de

deslocar-se para zonas específicas, pode-se intervir. E que estamos a receber, especialmente dos nossos países vizinhos, que enfrentam o mesmo desafio.

ADF: *O senhor foi comandante-adjunto da Missão da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral em Moçambique, conhecida por SAMIM. O que é que aprendeu nessa função que o ajuda agora como comandante da BDF do Comando das Forças Terrestres?*

BARWABATSILE: Penso que, uma vez que se trata agora de questões operacionais, é bom que, ao assumir o Comando das Forças Terrestres, me torne também o comandante da Força Conjunta. E fui chefe de gabinete do comandante da Força Conjunta como brigadeiro. Estive envolvido na preparação inicial e na projecção de forças na SAMIM. O que era fundamental era a prontidão. O que todos concordamos é que é necessário mecanizar para garantir a protecção das forças no teatro de operações. Todas as forças que temos vindo a destacar, certificámo-nos de que se deslocam com veículos protegidos, e os veículos protegidos são fundamentais neste empreendimento.

Penso que agora, tendo estado no teatro de operações, tomei nota do facto de que a colaboração multinacional, a cooperação, mesmo antes de entrar no teatro de operações, é muito importante. Temos de encontrar formas e meios de treinar constantemente em exercícios, através da educação. Os nossos soldados, as nossas forças terrestres, devem trabalhar com outras forças terrestres para se prepararem para a defesa e segurança da nossa região. Penso que a outra questão a que também assistimos é a das nossas instituições de ensino militar profissional, como os colégios para o pessoal. Precisamos de aumentar em termos de intercâmbio de estudantes, precisamos de aumentar em termos de exercícios, exercícios conjuntos, porque quando falamos do colégio de pessoal, o oficial que sai desse colégio é o principal planeador. Quando se fala de majores, estes são os principais planeadores a nível das unidades de brigada, e vão definitivamente estar presentes no teatro de operações. Têm de estar preparados para este compromisso multinacional.

À medida que se avança, a diferença de tecnologia torna-se também evidente. Precisamos de tornar o teatro transparente em termos do que estamos a ver, a sentir. E precisamos de investir na capacidade de inteligência, vigilância e reconhecimento (ISR, na sigla inglesa). A ameaça que enfrentamos é esquiva, mas quando estão fora de contacto com as comunidades, devemos ser capazes de





Um soldado moçambicano vigia civis em Quionga, Moçambique, em Setembro de 2022. Barwabatsile sublinha que relações civis-militares fortes ajudam os civis a ver as forças de segurança como parceiros. AFP/GETTY IMAGES



Barwabatsile disse que a protecção das forças era uma prioridade para a missão multinacional em Moçambique.

FORÇA DE DEFESA DO BOTSWANA

os detectar e de os atacar quando estão fora. E isso só pode ser feito com uma boa capacidade ISR e com o aproveitamento da tecnologia.

Desenvolver a capacidade de trabalhar no seio das comunidades em termos de cooperação civil-militar, desenvolver esse aspecto. Precisamos de trabalhar arduamente neste domínio para garantir que, quando formos enviados para operações, estejamos prontos para levar a cabo operações civis-militares. Dessa forma, poderão ver-nos como parceiros e até dar informações de boa vontade, sem terem de ser solicitadas, sobre o que está a acontecer na comunidade em termos de ameaças à segurança.

ADF: *O Botswana tem sido uma nação em paz internamente e com os seus vizinhos desde há muitos anos. Que práticas ou filosofias permitiram que o Botswana se mantivesse em paz durante tanto tempo numa região frequentemente volátil?*

BARWABATSILE: Penso que esta é uma questão política. Mas, como militares, temos de ser tão profissionais quanto possível na garantia da segurança, que é a nossa responsabilidade soberana e a nossa obrigação como instituição militar. A disciplina e o profissionalismo devem ser os princípios orientadores das nossas forças. Penso que a segurança é tão boa quanto o seu provedor.

ADF: *Como comandante das forças terrestres da BDF, como avalia o nível de cooperação dos seus parceiros regionais? Até que ponto essa cooperação é essencial para a segurança regional?*

BARWABATSILE: Penso que o facto de terem concordado em assumir a missão [SAMIM] e o facto de a nação anfitriã ter concordado em aceitar a missão é revelador, por si só, da existência de cooperação. Infelizmente, não podemos contribuir na mesma medida, porque temos desafios diferentes. Um ponto a salientar é que entrámos nesta missão sob a sombra da COVID-19, que atingiu duramente as nossas economias, e qualquer contribuição para mim é suficiente. Há países que contribuíram com forças. Há quem tenha contribuído com bens. Há aqueles que contribuíram apenas com oficiais de Estado-maior, não com forças permanentes ou tropas formadas, e há aqueles que contribuíram com ajuda de informações, e aqueles que contribuíram moralmente. Penso que todos eles contribuíram. Se olharmos para o número de jogadores, são mais de 50% dos membros. Para mim, isso é um sucesso para uma primeira missão do género.

ADF: *Vivemos num mundo em constante mudança a nível tecnológico. Como é que a BDF está a aproveitar a tecnologia militar na sua formação e nos seus destacamentos?*



BARWABATSILE: Penso que estamos a trabalhar nesse sentido. O nosso objectivo é ter uma força-tarefa pequena, mas ágil e eficaz, mas isso só pode ser conseguido através do aproveitamento da tecnologia. Não há outra forma de o fazer, e temos de continuar a avançar nessa direcção. Na operação actual a que nos referimos, estávamos sobretudo, embora tivéssemos as tropas de combate, tínhamos também a capacidade ISR, que era um facilitador e um multiplicador de forças, porque nos estava a dar as informações necessárias e o reconhecimento necessário, a detecção necessária, tudo o que precisávamos. Estas são algumas das áreas que tentámos aproveitar na tecnologia, e penso que continuaremos a fazê-lo, especialmente na área dos drones/VANT.

ADF: *Em que medida as forças terrestres da BDF estão a utilizar drones e se têm sido bem-sucedidas?*

BARWABATSILE: Estamos a utilizar os drones nas responsabilidades ISR. Nos casos em que os utilizámos, os resultados foram positivos. Mas precisamos de desenvolver mais essa capacidade. É muito limitada. Penso que o teatro moçambicano de Cabo Delgado demonstrou a necessidade disso e, para nós, anteriormente, até pela nossa história em termos de luta contra a caça furtiva, demonstrou a

necessidade de ter essas coisas. Não é possível ter tropas em todo o lado, mas se tivermos tecnologia, esta pode colmatar essas lacunas.

ADF: *O que pensa do futuro das forças terrestres da BDF? O que vê nos próximos anos para a sua força de trabalho?*

BARWABATSILE: As brigadas são fundamentais ou a base da força terrestre. E é dos que já estão empenhados que precisamos para os cristalizar e equipar. Não podemos equipá-los totalmente, mas devemos equipá-los ao nível das suas capacidades, e nós somos capazes de gerar capacidades que podem ser necessárias em empresas nacionais ou multinacionais. Devemos preparar-nos para isso.

ADF: *Há alguma coisa que gostaria de acrescentar?*

BARWABATSILE: Penso que o que posso acrescentar é apenas a necessidade de garantir que temos profissionalismo em todas estas esferas, em todas estas esferas no seio da força terrestre e de assegurar a protecção da força. A protecção das forças é crucial, porque, olhando para a experiência da SAMIM, se não fosse a protecção das forças em termos do equipamento que damos às nossas tropas, poderíamos ter perdido mais do que perdemos. Como havia protecção de forças, conseguimos salvar vidas. □

Soldados que servem na Missão da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral em Moçambique preparam-se para embarcar num helicóptero para uma operação.

SAMIM



PEQUENOS, BARATOS E PERIGOSOS

EQUIPA DA ADF | FOTOS DE AFP/GETTY IMAGES



ILUSTRAÇÃO DA ADF



Os drones podem melhorar as missões a baixo custo, mas sem directrizes podem exacerbar a insegurança

Quando o Verão deu lugar ao Outono de 2021, o governo etíope viu-se em desvantagem contra os rebeldes secessionistas de Tigré, que tinham acabado de capturar as cidades de Dessie e Kombolcha no vizinho Estado de Amhara.

As vitórias estratégicas posicionaram as forças da Frente de Libertação do Povo de Tigré a cerca de 400 quilómetros a norte da capital, Adis Abeba. Também colocou os rebeldes no centro das atenções dos funcionários governamentais preocupados.

“O nosso país enfrenta um grave perigo para a sua existência, soberania e unidade,” o Ministro da Justiça, Gedion Timothewos, disse numa conferência de imprensa realizada em Novembro de 2021 em Adis Abeba, segundo a revista *The National Interest*. “Não podemos afastar este perigo através dos sistemas e procedimentos habituais de aplicação da lei.”

Para além de declarar o estado de emergência, o governo compilou um registo das armas detidas por particulares em Adis Abeba e informou os proprietários de armas que poderiam ser chamados a defender a cidade em caso de ataque.

Um mês depois, porém, uma contra-ofensiva colocou Dessie e Kombolcha de novo nas mãos do governo. Uma das chaves para esse sucesso terá sido a utilização de drones de baixo custo provenientes da China, do Irão e da Turquia. As notícias desse período não contêm pormenores significativos sobre a extensão da utilização de drones, mas à medida que surgiu um novo conflito, a utilização de drones pela Etiópia tornou-se mais evidente.

Em 2023, os rebeldes da região de Amhara, que lutaram ao lado dos tigrinhos de 2020 a 2022, continuaram a lutar depois de os líderes tigrinhos terem chegado a um acordo com o governo para acabar com a guerra. Em poucos meses, a Etiópia estava a utilizar drones contra eles, com resultados mortais.

Um padre ortodoxo etíope disse à agência noticiosa *The New Humanitarian* que um ataque de drones a 19 de



Mesmo os pequenos drones podem ser equipados com câmaras de vigilância e ajudar a identificar os adversários. ISTOCK

Fevereiro de 2024 tinha deixado o local de impacto “cheio de partes de corpos de pessoas mortas, cadáveres intactos e sobreviventes com membros em falta que gemiam de dor.”

Um drone etíope que pairava no ar tinha como alvo um camião Isuzu perto de Sasit, uma cidade do Estado de Amhara, que, segundo testemunhas, regressava de uma cerimónia de baptismo. O camião terá transportado cerca de 50 pessoas. O ataque com drones matou pelo menos 30 civis e feriu outros 18, segundo a *ReliefWeb*.

Outros meios de comunicação social referem que um drone destruiu uma ambulância a caminho de um hospital em Wegel Tena.

A Etiópia é apenas uma nação africana que utiliza drones, por vezes designados por veículos aéreos não tripulados (VANT). Os tipos de drones variam consoante o tamanho, a finalidade e a origem. Mas há uma coisa que os une: não existem regras específicas que orientem a utilização responsável de drones em combate ou na luta contra o terrorismo. Isso coloca os civis em risco de morte e ferimentos e os governos sem princípios orientadores unificados para a utilização continuada de drones.

PROMESSA E PERIGO

Há mais de uma década que os drones têm vindo a cobrir os céus dos conflitos africanos. A força

multinacional da União Africana na Somália começou a utilizar drones de baixo custo em 2015 para fins de informação, vigilância e reconhecimento, de acordo com o Small Wars Journal. As forças de manutenção da paz das Nações Unidas utilizaram drones na República Centro-Africana, na República Democrática do Congo e no Mali. A sua utilidade é evidente.

“A promessa dos drones é realmente tremenda,” Christopher Fabian, conselheiro principal do UNICEF para a inovação, disse ao Inter Press Service em 2022. Podem ajudar os trabalhadores humanitários de três formas: em primeiro lugar, podem atravessar infra-estruturas danificadas ou em falta para transportar pequenas cargas úteis. Em segundo lugar, podem fornecer dados e vistas de locais de catástrofe para identificar danos e potenciais vítimas. Os drones também podem estender a conectividade Wi-Fi a campos de refugiados ou escolas para acesso à internet.

“O hardware em si não viola os direitos humanos,” disse Fabian. “São as pessoas por detrás do hardware.” Isso já foi provado vezes sem conta em todo o continente. Dois ataques com drones em Março de 2024 na aldeia de Amarakad, no Mali, mataram 13 mulheres e crianças e

feriram mais de uma dezena de outras pessoas, segundo a Amnistia Internacional. Um comunicado do exército maliense afirma que os ataques “contribuíram para neutralizar muitos terroristas e alguns dos seus veículos,” uma afirmação que os residentes locais contestam.

Dois dias depois, um ataque de um drone nos arredores de Mogadíscio, na Somália, matou quase duas dezenas de pessoas e feriu outras 21. Não se sabe ao certo quem foi o responsável, mas fontes de segurança anónimas disseram ao The Washington Post que um drone turco esteve envolvido. A Turquia, um aliado do governo federal da Somália, tem a sua maior base militar no estrangeiro em Mogadíscio. “É provável que os relatos alimentem as preocupações de que a proliferação de drones está a causar um enorme aumento de vítimas civis com pouca responsabilidade,” afirmou o Post sobre o ataque na Somália.

“A entrada dos drones no mercado e a sua aquisição pelos governos exige uma maior responsabilidade e a aprovação de leis para proteger os civis” e os operadores precisam de mais formação, Abdisalam Guled, antigo director-adjunto da Agência Nacional de Informações e Segurança da Somália, disse à Bloomberg em Março de



Um drone destruiu um tanque entre Mersa e Libso, no Norte de Wollo, na Etiópia.





Acima: O drone de ataque CH4, de fabrico chinês, foi utilizado na República Democrática do Congo.

Combatentes do Governo de Acordo Nacional da Líbia, com sede em Trípoli, instalam drones em Sirte. Os drones com câmaras têm ajudado as forças armadas a detectar as posições do grupo do Estado Islâmico.



2024. “É um novo mercado, uma nova indústria e um novo tipo de arma, mas tem de ser acompanhado de mais responsabilidade.”

VARIEDADE NO TIPO E NO USO

Os drones dividem-se em três classificações principais, de acordo com “The Drone Databook” de Dan Gettinger, fundador do Centro do Estudo do Drone, actualmente em funcionamento no Bard College.

- Os drones da **classe I** pesam menos de 150 quilogramas, podem voar entre uma a três horas de cada vez e têm um alcance máximo de cerca de 80 quilómetros. Podem transportar cargas úteis de até 5 quilogramas e têm uma velocidade máxima de 100 quilómetros por hora. Podem incluir veículos de asas fixas e rotativas e, normalmente, são lançados à mão ou com uma calha pneumática. A maior parte dos drones de classe I são utilizados para reconhecimento e vigilância.
- Os drones de **classe II** podem voar durante 10 horas, têm um alcance máximo entre 100 e 200 quilómetros e podem transportar cargas úteis até 70 quilogramas. A sua velocidade máxima é de 200 quilómetros por hora. Podem ser veículos de asa rotativa ou fixa e podem necessitar de uma pequena pista para serem lançados. Podem transportar equipamento de detecção, orientação e comunicações, bem como algumas munições ligeiras.
- Os drones de **classe III** podem voar durante mais de 24 horas, transportar várias centenas de quilogramas e voar a 300 quilómetros por hora ou mais. O alcance pode exceder vários milhares de quilómetros. Existem veículos de asa rotativa e de asa fixa nesta classe, sendo que os drones de asa fixa necessitam de pistas. Voam a médias e altas altitudes durante longos períodos, e alguns são utilizados para ataques e combates letais.



Um drone Bayraktar TB2 de fabrico turco

Segundo a Bloomberg, nos últimos cinco anos, os países africanos que procuram uma capacidade militar rentável adquiriram drones a empresas como a turca Baykar e a chinesa Aviation Industry Corp. Nesse período, as mortes de civis devido a ataques aéreos e com drones aumentaram de 149 em 2020 para 1.418 em 2023.

“Não se trata da tecnologia, mas da forma como é utilizada, e estamos a assistir a um padrão de utilização que está a causar muitos danos a civis,” Nate Allen, professor associado do Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS), disse à Bloomberg.

COMBATER A PROLIFERAÇÃO

Mais de um terço das forças armadas do continente adquiriram drones e muitos militantes não estatais estão a tentar fazer o mesmo.

“Para além de incorporar VANT nos seus arsenais e conceitos operacionais, os governos africanos precisam de se envolver urgentemente em esforços regionais e globais para controlar a disseminação e chegar a um consenso em torno das normas de utilização dos VANT,” Allen escreveu num documento de 2023, “Turning off autopilot: Addressing the proliferation of unmanned systems in Africa’s conflict zones (Desactivar o piloto automático: Abordar a proliferação de sistemas não tripulados nas zonas de conflito em África),” para o Instituto de Segurança para a Governação e Liderança em África, da Universidade de Stellenbosch, na África do Sul.

A utilização de drones espalha-se rapidamente, porque muitos conflitos africanos são travados entre forças de meios limitados que lutam a grandes distâncias. Segundo Allen, são cinco os factores que impulsionam a proliferação:

- Os avanços tecnológicos tornaram os drones mais fáceis de utilizar e capazes de receber e recolher mais dados.
- Estas inovações permitem que os drones complementem ou substituam activos como aviões, satélites e outros sistemas.
- Com o avanço da tecnologia, os custos caíram a pique. Em tempos, os VANT podiam custar centenas de milhões de dólares. Actualmente, um drone de ataque Shahed de fabrico iraniano “custa apenas 20.000 dólares para ser fabricado e até 500.000 dólares para ser abatido,” escreveu Allen. Outros drones mais pequenos podem custar apenas 450 dólares e destruir um tanque.
- Estes baixos custos permitem que uma série

OS DRONES E O DIREITO INTERNACIONAL HUMANITÁRIO

EQUIPA DA ADF

OS drones apresentam vantagens e desafios para as forças de segurança. Permitem a aplicação remota de força letal, o que pode proteger as forças de segurança e salvar vidas. No entanto, há quem receie que essas vantagens possam reduzir o limiar de utilização de drones, pondo assim em perigo outras pessoas e suscitando preocupações em matéria de responsabilidade.

O Direito Internacional Humanitário (DIH) não aborda especificamente a utilização de drones, mas as regras gerais do DIH aplicam-se, de acordo com a Geneva Call. O DIH abrange armas, sistemas de armas e plataformas. Os drones são uma plataforma com potencial para transportar armas. “A utilização de drones armados como meio e método de guerra é regulada pelas regras do DIH que regem a condução das hostilidades, nomeadamente os princípios da distinção, da proporcionalidade

e das precauções no ataque, bem como a proibição de ataques indiscriminados,” afirma um relatório da Geneva Call de 2020.

A **distinção** exige que as partes de um conflito atinjam apenas alvos militares, sejam eles pessoas ou objectos.

A **proporcionalidade** exige que, uma vez atingido um alvo legítimo, os danos colaterais não sejam excessivos relativamente à vantagem militar prevista do ataque.

Devem ser tomadas **precauções** para assegurar a distinção e a proporcionalidade, tais como a verificação de que os alvos não são civis.

As forças de segurança devem evitar ataques indiscriminados, o que significa ataques não dirigidos a alvos militares e aqueles “realizados com meios ou métodos de guerra que não podem ser dirigidos a objectivos militares ou cujos efeitos não podem ser limitados conforme exigido pelo DIH.”



Uma maquete do drone de combate iraniano Shahed 149 Gaza é exibida numa exposição sobre defesa.

de empresas e nações — como o Irão, Israel, África do Sul e Turquia — se estabelecessem no mercado global.

- À medida que a tecnologia avança e é adaptada, é provável que os drones se tornem mais comuns no continente.

“Mesmo quando procuram adquirir VANT, é imperativo que os governos africanos tomem medidas para mitigar os riscos, as externalidades negativas e as consequências da proliferação de VANT,” escreveu Allen. “Em alguns casos, a sua proliferação pode beneficiar mais as redes criminosas e os grupos terroristas do que os actores estatais, tornando necessário tomar medidas para controlar e limitar a sua utilização em torno de certas áreas e instalações estratégicas.”

Os riscos incluem danos colaterais a civis durante ataques militares e a não protecção de preocupações legítimas com a privacidade quando os drones são utilizados para vigilância e recolha de informações. As nações devem certificar-se de que a vigilância por drones cumpre as regras de protecção de dados e elaborar orientações éticas sobre quando e como os drones podem ser utilizados.

UTILIZAÇÃO POR ACTORES NÃO ESTATAIS

Em Maio de 2021, Amade Miquidade, o então Ministro do Interior de Moçambique, disse aos meios de comunicação social que os extremistas da província de Cabo Delgado estavam a utilizar drones para atingir alvos precisos. Na Somália, os fornecedores de serviços de segurança

disseram que o al-Shabaab usa drones para vigilância, de acordo com “Drones and Violent Nonstate Actors in Africa (Drones e actores violentos não estatais em África),” um artigo de Karen Allen para o ACSS.

Prevê-se que o mercado de drones em África valha 43 bilhões de dólares em 2024. Prevê-se que o crescimento inclua a utilização humanitária, a segurança marítima e as patrulhas fronteiriças, escreveu. No entanto, uma outra área provável de crescimento apresenta partes iguais de promessa e perigo: drones para amadores e comprados em lojas.

Os telemóveis inteligentes, que alguns militantes já utilizam para detonar dispositivos explosivos improvisados, também podem pilotar certos drones. Tendo em conta os relatos de grupos não-estatais que utilizam pequenos drones no norte de Moçambique, as potenciais ameaças são claras.

“Se olharmos para a facilidade com que [os insurgentes] estão a obter armas e a montar ataques contra as forças armadas, nunca subestimarei a possibilidade de começarem a utilizar capacidades tecnologicamente mais avançadas, e com isso incluo os drones,” a sul-africana Jasmine Opperman, especialista em segurança, disse a Karen Allen. “Se é possível trazer telemóveis às centenas através de rotas de contrabando ilegais, o que os impede de trazer drones?” □



ENTRANDO NO EXTREMO PROFUNDO DE FORMAÇÃO MARÍTIMA

EQUIPA DA ADF | FOTOS DO OFICIAL SUPERIOR ARIF PATANI/MARINHA DOS E.U.A.

Participantes do exercício Cutlass Express 2024 saltam para uma piscina para treino de mergulho em Victoria, Seychelles, no dia 29 de Fevereiro de 2024. Onze forças navais africanas participaram no exercício patrocinado pelo Comando dos EUA para África,, que teve como anfitriões o Djibouti, o Quênia e as Seychelles. Os objectivos do exercício são aumentar a sensibilização e a colaboração no domínio marítimo e reforçar a capacidade das nações para combater a pirataria, o tráfico ilícito e a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada. A primeira semana incluiu sessões em sala de aula sobre a forma de impedir crimes marítimos. A segunda semana centrou-se nos cuidados tácticos a vítimas de combate,

pontaria, manobras no mar e técnicas de combate corpo-a-corpo. Os participantes também observaram as operações no Centro de Operações de Coordenação Regional nas Seychelles. O centro combate crimes marítimos com o apoio dos membros regionais como Comores, Djibouti, França em nome da Ilha da Reunião, Quênia, Madagáscar, Maurícias e Seychelles. “Este exercício demonstra o nosso empenhamento mútuo e inabalável em garantir a segurança marítima na região,” afirmou o Brigadeiro Michael Rosette, chefe das Forças de Defesa das Seychelles. “É através destas iniciativas e interações que continuamos a melhorar a nossa interoperabilidade e a construir laços mais fortes com todos os nossos parceiros amigos na região.”






CUSTO OCULTO



ILUSTRAÇÃO DA ADF

OS SERVIÇOS PRESTADOS ATRAVÉS DOS MERCENÁRIOS RUSSOS DO AFRICA CORPS CONDUZEM À EXPLORAÇÃO E À INSTABILIDADE

EQUIPA DA ADF

 Grupo Wagner, da Rússia, expande o seu alcance por toda a África com promessas de segurança e apoio a líderes autoritários. As nações que convidaram os mercenários sofrem com o aumento da exploração, da violência e da instabilidade.

Do Sudão em 2017 ao Burquina Faso em Janeiro de 2024, a fórmula do grupo é simples: a Rússia tem como alvo regimes autoritários precários, promete proteger a sua soberania e, em seguida, inicia uma campanha de exploração lucrativa que até o governo russo admitiu ter um travo de colonialismo.

“A narrativa que a Rússia está a promover é que os Estados ocidentais continuam a ter uma atitude fundamentalmente colonial,” Jack Watling, especialista em guerra terrestre do Royal United Services Institute (RUSI), disse à BBC. “É muito irónico, porque a abordagem russa, que consiste em isolar estes regimes, capturar as suas elites e extrair os seus recursos naturais, é bastante colonial.”

Watling foi co-autor de um relatório de Fevereiro de 2024 para o instituto, intitulado “The Threat from Russia’s Unconventional Warfare Beyond Ukraine, 2022-24,” que aborda a forma como os mercenários russos promovem os interesses de Moscovo em África à custa das nações do continente e dos seus antigos aliados.

O Grupo Wagner, agora rebaptizado como Africa Corps, aconchega-se aos líderes autoritários e promete-lhes aquilo a que o relatório do RUSI chama um “pacote de sobrevivência do regime.” A Rússia fornece apoio militar, formação, serviços de segurança e agentes políticos para angariar apoio interno através de elaboradas campanhas de desinformação.

Em troca, a Rússia reclama direitos de extracção favoráveis para o petróleo e o gás natural na Líbia, o ouro e o lítio no Mali, o ouro no Sudão e o urânio no Níger. Estes negócios reforçam os cofres do governo russo, mantendo os activos energéticos fora das mãos das potências ocidentais, como a França, que depende do urânio para fazer funcionar as suas centrais nucleares.

“O resultado é que os parceiros de segurança russos ganham inicialmente uma capacidade soberana através dos mercenários russos e da segurança pessoal a médio prazo,” afirma o relatório do RUSI. “No entanto, também se tornam dependentes e começam a perder o acesso a fornecedores de segurança alternativos. A médio e longo prazo, as concessões económicas exigidas pela Rússia



Yevgeny Prigozhin, um colaborador próximo do Presidente da Rússia, Vladimir Putin, liderou o Grupo Wagner até à sua morte misteriosa em 2023, após uma rebelião abortada. THE ASSOCIATED PRESS





correm o risco de criar uma relação extremamente desigual, em que Moscovo retira muito mais do que oferece.”

Durante muito tempo, pensou-se que os mercenários do Grupo Wagner estavam separados do controlo do governo russo, mas o relatório do RUSI desmente a noção de que o Grupo Wagner alguma vez foi uma mera empresa militar privada. De facto, o Ministério da Defesa russo financiou o Grupo Wagner directamente e através de contratos que excederam os 10 bilhões de dólares entre 2014 e 2023.

“Só de Maio de 2022 a Maio de 2023, a Rússia gastou cerca de 1 bilhão de dólares em salários e pagamentos de indemnizações aos combatentes do Grupo Wagner,” afirma o relatório. Este valor corresponde a 77% do que a Rússia gastou no seu sistema nacional de saúde em 2022.

“Moscovo tem seguido um padrão de intervenção para apoiar líderes politicamente isolados que enfrentam crises em países regionais fulcrais, muitas vezes, com recursos naturais abundantes. Estes líderes ficam então em dívida para com a Rússia, que assume o papel de potência regional.”

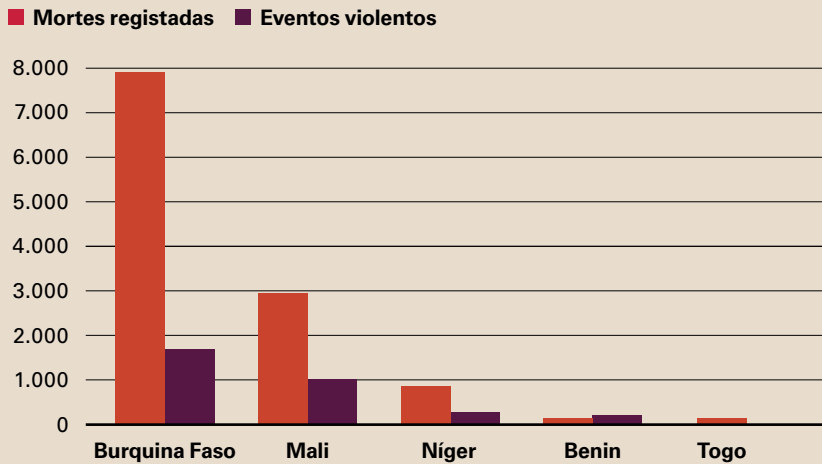
~ Joseph Siegle e Daniel Eizenga do ACSS

“O ‘Grupo Wagner’ nunca existiu como uma entidade oficial,” afirma o relatório. “Os combatentes eram contratados por várias empresas. Mas, de qualquer forma, o Grupo Wagner tornou-se a identidade corporativa do pessoal.” O tecido conjuntivo das suas várias operações era Yevgeny Prigozhin, um compadre do Presidente da Rússia, Vladimir Putin, que dirigia a organização.

Desde que os mercenários combateram na Síria e na Ucrânia e depois se mudaram para África, “Moscovo tem seguido um padrão de intervenção para apoiar líderes politicamente isolados que enfrentam crises em países regionais fulcrais, muitas vezes, com recursos naturais abundantes,” de acordo com um documento de 2021 do Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS), da autoria de Joseph Siegle e Daniel Eizenga. “Estes líderes ficam então em dívida para com a Rússia, que assume o papel de potência regional.”

Apoiantes do Conselho Nacional para a Salvaguarda da Pátria do Níger agitam a bandeira nacional, à direita, e uma bandeira com o logótipo do Grupo Wagner da Rússia, em Setembro de 2023. AFP/GETTY IMAGES

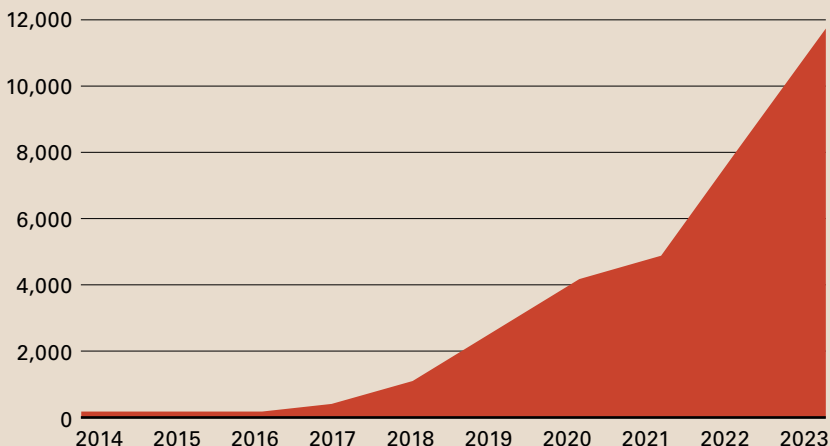
Violência de Grupos Militantes Islâmicos no Sahel em 2023



Fonte: Centro de Estudos Estratégicos de África; dados do Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos

As cerca de 11.643 vítimas mortais ligadas à violência dos militantes islâmicos no Sahel constituem um recorde para qualquer região desde 2015.

Vítimas Mortais Ligadas a Grupos Militantes Islâmicos no Sahel



Fonte: Centro de Estudos Estratégicos de África; dados do Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos

Após a morte de Prigozhin num misterioso acidente de avião em Agosto de 2023 — dois meses depois de ter liderado, e depois travado, uma marcha amotinada em direcção a Moscovo — o Grupo Wagner mudou de nome para Africa Corps. O mais importante é o facto de o novo grupo ter sido integrado no Ministério da Defesa russo.

Esta mudança é significativa, porque retira o manto de um interesse comercial privado e, com ele, a negação plausível de Moscovo para os excessos dos mercenários, como as execuções de civis e outras atrocidades documentadas.

Agora, o grupo paramilitar Africa Corps promete um menu de serviços de segurança, mantendo um “nível controlável de instabilidade” para preservar os contratos “enquanto permite que a sua rede de empresas continue o seu ataque extractivo às economias africanas,” de acordo com um artigo de Fevereiro de 2024 do Dr. Mohammed Issam Laaroussi para a Eurasia Review.

CONJUNTO DE SERVIÇOS

Os serviços do Africa Corps são actualmente administrados pela organização de informação russa conhecida como GRU e oferecem aos clientes mercenários o “pacote de sobrevivência do regime.” Em alguns casos, a abordagem promete aos dirigentes protecção pessoal. Há anos que os mercenários do Grupo Wagner oferecem serviços de segurança ao presidente da República Centro-Africana. O acordo proporciona uma protecção económica e política contra as reacções internacionais de grupos como as Nações Unidas. Além disso, o país anfitrião recebe formação militar e ajuda no combate a grupos extremistas.

Para reforçar a soberania nacional dos governos, os mercenários fornecem apoio político interno através de uma sofisticada variedade de serviços de comunicação social e propaganda. As estações de rádio, as redes sociais e até mesmo as manifestações públicas forjadas, decoradas com bandeiras russas, trabalham para reforçar a credibilidade do governo aos olhos dos seus cidadãos.



O Presidente da Rússia, Vladimir Putin, saúda o Presidente do Burquina Faso, Ibrahim Traoré, durante o seu encontro em São Petersburgo, Rússia, em Julho de 2023.

GETTY IMAGES

No entanto, foram registados casos documentados de massacres, execuções e abusos de civis relacionados com mercenários russos no Sahel e não só. Este facto afasta as nações anfitriãs de outros parceiros militares de uma forma que “pode não ser totalmente apreciada quando a cooperação é acordada pela primeira vez,” afirma o relatório do RUSI.

“Os objectivos russos são bastante simples: matar opositores aos regimes em países com juntas militares ou líderes autoritários e obter ouro em troca de chefes de Estado aterrorizados e demasiado dispostos a entregá-lo,” Dan Whitman escreveu numa análise para o Eurasia Program.

FALTA DE SEGURANÇA

Apesar de os mercenários russos venderem a promessa de segurança, incluindo a ajuda na luta contra os militantes da al-Qaeda e do grupo do Estado Islâmico, as nações do Sahel não registaram melhorias nos últimos anos. De facto, o que se passa é o contrário.

Um relatório de Janeiro de 2024 do ACSS mostra que as mortes devidas à violência dos militantes islâmicos aumentaram 20% de 2022 a 2023. O Sahel, onde os mercenários russos têm estado activos, viu as mortes aumentarem 43% durante esse período.

As cerca de 11.643 vítimas mortais ligadas à violência dos militantes islâmicos no Sahel constituem um recorde desde 2015, indica o relatório.

Em 2023, o Burquina Faso foi o país onde se registaram 67% de todas as mortes relacionadas com grupos militantes islâmicos no Sahel, mais do dobro do número registado em

2022. O país liderou a região em termos de violência extrema pelo terceiro ano consecutivo. O Mali foi responsável por 34% da violência dos militantes islâmicos na região.

Os mercenários ajudaram os soldados malianos a realizar ataques com drones e rusgas que mataram civis, incluindo crianças, afirmou a Human Rights Watch (HRW) em Março de 2024.

“O governo militar de transição do Mali, apoiado pela Rússia, não só está a cometer abusos horríveis, como também está a trabalhar para eliminar o escrutínio da sua situação de direitos humanos,” Ilaria Allegrozzi, investigadora sénior da HRW sobre o Sahel, disse num comunicado.

Na última década, os extremistas islâmicos mataram centenas de civis, cometeram actos de violência sexual, utilizaram dispositivos explosivos improvisados e impuseram requisitos religiosos rigorosos às comunidades. Agora que a missão de manutenção da paz das Nações Unidas e outras forças internacionais partiram, poucos se sentem seguros para falar contra as atrocidades. Os habitantes relatam violências brutais às mãos dos soldados malianos e dos seus aliados russos.

“O que quer que escolhamos é mau, onde quer que vamos é para enfrentar o sofrimento,” disse um homem da aldeia de Nienanpela, onde, a 23 de Janeiro de 2024, soldados malianos e mercenários russos executaram um homem de 75 anos, segundo a HRW. “Os jihadistas são brutais e impuseram-nos a sua forma do Islão, mas os militares e os [combatentes] do Grupo Wagner, que supostamente nos protegem, o que fazem é apenas matar, pilhar e queimar.” □



UM BALUARTE DO PROFISSIONALISMO

Enquanto os Golpes de Estado se Multiplicam na África Ocidental, as Forças Armadas do Senegal Mantêm-se Fiéis aos Seus Princípios Fundadores

EQUIPA DA ADF



Um soldado de manutenção da paz senegalês faz patrulha na República Centro-Africana. A ONU elogiou o contingente senegalês pelo seu profissionalismo e dedicação.

DIRECTOR DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS DO EXÉRCITO SENEGALÊS (DIRPA)



O general senegalês Mbaye Cissé, chefe do Estado-Maior do Exército, passa revista as tropas durante uma visita de trabalho ao Ruanda. DIRPA

A Primavera de 2023 foi um período de tensão no Senegal. Os manifestantes encheram as ruas de Dakar e, numa acção rara, as Forças Armadas deslocaram-se para a capital para manter a ordem. Com pneus a arder, carros blindados nas esquinas e soldados a montar barricadas, um escritor descreveu o país como “sentado sobre um vulcão.”

Com a aproximação das eleições presidenciais, algumas pessoas de ambos os lados do debate político queriam que os militares assumissem uma posição mais activa. Os apelos aumentaram para que apoiassem o movimento da oposição ou apoiassem o então Presidente Macky Sall e o seu partido.

Numa demonstração de desafio, as Forças Armadas do Senegal (SAF) afirmaram que não se deixariam envolver na política que agitava o país. “O Estado-Maior das Forças Armadas convida os actores políticos de todos os quadrantes e a sociedade civil a manter o Exército Nacional fora do debate político, no interesse da nação,” lê-se num comunicado do Coronel Moussa Koulibaly, director de informação e relações-públicas. “Este último tenciona manter a sua postura republicana e dedicar-se às suas missões de soberania.”

Numa entrevista ao *Jeune Afrique* em Junho de 2023, um oficial não identificado disse que as forças armadas ajudariam a manter a paz, mas não se desviariam da sua posição apolítica.

“Era necessário [o destacamento na capital] para baixar a tensão, e agora já baixou,” disse o oficial. “Queremos manter-nos afastados do resto. A política pode apanhar-nos, mas esperamos que isso não aconteça.”

Numa região onde os golpes militares têm proliferado, o Senegal é uma anomalia. Desde a independência em 1960, o país nunca teve um golpe de Estado. É um dos principais contribuintes de tropas para as missões de manutenção da paz das Nações Unidas e lideradas por África. De acordo com um inquérito do Afrobarómetro, 83% da população confia nas Forças Armadas do país, a percentagem mais elevada entre os países inquiridos.

“O exército senegalês é único em África pelo seu profissionalismo e pelos seus valores republicanos,” o general francês reformado Bruno Clément-Bollée, que passou grande parte da sua carreira em África e que actualmente é consultor militar de governos, disse ao *L’Express*. “É um exército republicano que respeita as regras e está em conformidade com as leis.”

Como é que o Senegal conseguiu isso? Os especialistas dizem que tem a ver com a história única do país e com os fundadores que construíram um modelo duradouro de serviço à nação. Os observadores alertam, no entanto, para o facto de esta tradição estar em risco se não for protegida de forma vigilante.

Uma Parceria de Gigantes

O presidente fundador do Senegal, Leopold Senghor, é recordado como um poeta fumador de cachimbo e um homem de paz. Ao contrário de muitos dos presidentes fundadores, ele idealizou uma democracia constitucional e a sua presidência, embora imperfeita, lançou as bases para a realização de eleições multipartidárias.

Em 1962, o jovem país enfrentou a sua primeira crise política. O Primeiro-Ministro Mamadou Dia estava envolvido numa luta pelo poder com Senghor. Quando Dia



Soldados bloqueiam uma estrada durante os protestos em Dakar. Apesar de as Forças Armadas do Senegal terem sido destacadas para manter a ordem, os soldados recusaram-se a envolver-se na política do país, de acordo com uma longa tradição. REUTERS

“O exército senegalês é único em África pelo seu profissionalismo e pelos seus valores republicanos. É um exército republicano que respeita as regras e está em conformidade com as leis.”

~ General francês reformado Bruno Clément-Bollée

invocou os poderes executivos e ordenou aos membros do exército que barricassem o edifício da assembleia antes de uma votação, Senghor considerou que se tratava de uma tentativa de golpe e prendeu Dia.

Durante a crise, Senghor manteve a lealdade dos militares e tinha uma relação de trabalho particularmente estreita com o General Jean-Alfred Diallo, chefe das Forças Armadas.

A parceria revelou-se fundamental. Diallo era um engenheiro que acreditava firmemente que as forças armadas deviam ser uma força de desenvolvimento. Juntos, os dois homens criaram um conceito conhecido como “Armée-Nation,” que defende que os militares devem, acima de tudo, servir a população através de projectos de obras públicas e outros esforços para melhorar a vida quotidiana do povo senegalês.

“Ambos desenvolveram a ideia de que o exército deveria ser um actor distinto no desenvolvimento económico e social e que deveria participar na construção do país,” disse o historiador Romain Tiquet, que estuda a África Ocidental.

O conceito foi posto em prática em 1964 com um projecto-piloto na aldeia de Savoigne, onde os soldados e os jovens recrutados do serviço nacional ajudaram a

construir uma ponte, estradas, poços e edifícios e prepararam a terra para a agricultura. Esta situação manteve-se ao longo da história do país. Em 1968, o Senegal criou uma escola militar de medicina para formar médicos capazes de responder a surtos de doenças como a cólera e a febre-amarela. Em 1999, o país criou um comité através do qual os chefes militares se podiam reunir com membros do parlamento, agências governamentais, sociedade civil e sector privado para decidir que se projectos de infra-estruturas devem prosseguir.

O modelo da Armée-Nation orientou as forças armadas para o que é frequentemente designado por “segurança humana,” escreveu o Brigadeiro-General Ousmane Kane, antigo chefe da força aérea. “A participação dos ‘homens de uniforme’ nas missões de desenvolvimento criou um forte vínculo com as pessoas cuja defesa e segurança são as razões para servir nas Forças Armadas,” escreveu Kane.

Actualmente, o conceito está profundamente enraizado nas SAF. Todos os anos, os ramos das Forças Armadas realizam projectos que vão desde o trabalho agrícola à construção de escolas, passando pelas infra-estruturas públicas e pela preservação do ambiente. As forças armadas abrem as suas instalações médicas aos civis e organizam eventos de saúde pública. Os militares não são os primeiros a responder às catástrofes nacionais, mas normalmente apoiam as agências civis.

Educação Como a Base

A ênfase na educação militar remonta à fundação das SAF. Em 1962, Senghor e Diallo aumentaram o investimento na educação para quase 30% do orçamento do exército. “Este enfoque profissionalizado ajudou a criar um ‘enclave militar’ que o tornou numa forte componente do desenvolvimento senegalês,” escreveu o Tenente-Coronel da Força Aérea dos EUA Jahara Matisek, professor no Colégio de Guerra Naval dos EUA.

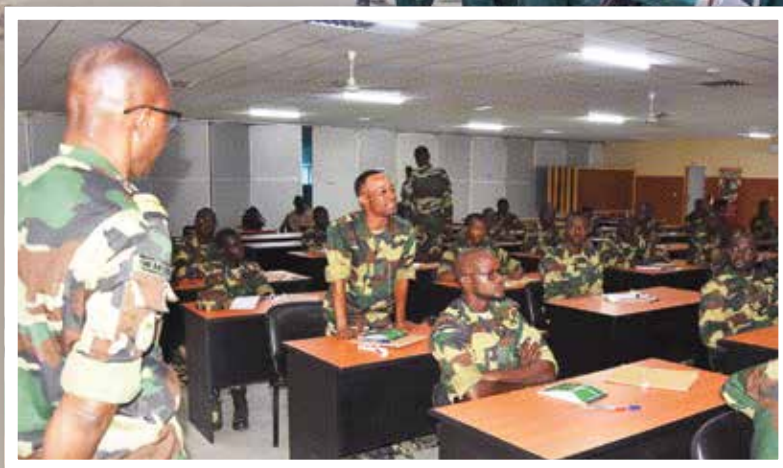
Actualmente, o Senegal oferece uma variedade de oportunidades de ensino militar profissional, desde a academia até aos níveis de comando e de Estado-maior. A sua academia militar, a École Nationale des Officiers d’Active, foi criada em 1981 e admite cerca de 100 cadetes por ano para dois anos de formação. O Senegal criou o Centre des Hautes Études de Défense et de Sécurité para estudos avançados de defesa e segurança em 2013 e oferece mestrados em defesa, paz, segurança e segurança nacional. Em 2020, o país abriu o Institut de Défense du Sénégal, que possui uma escola de comando e Estado-maior e um centro de desenvolvimento de doutrina.

O general reformado Talla Niang, antigo vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Senegal, disse que os oficiais normalmente recebem cinco a seis anos de educação após o ensino secundário. A formação continua ao longo das suas carreiras.



Soldados senegaleses festejam depois de participarem nas celebrações do Dia da Independência, em Dakar.

AFP/GETTY IMAGES



Soldados senegaleses marcham durante a celebração do 63.º Aniversário da Independência do país, em Dakar. AFP/GETTY IMAGES

À esquerda: Soldados senegaleses participam num seminário em Thiès. O país tem dado ênfase ao ensino militar profissional como forma de manter padrões elevados. DIRPA

“No exército senegalês, somos sempre educados e treinados para um determinado trabalho antes de sermos enviados para fazer esse trabalho,” Niang disse ao Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS). “Dessa forma, sabem como fazer o vosso trabalho.”

O Senegal ainda não dispõe de uma escola de guerra e a capacidade de formação militar nacional é limitada. Matissek, que passou anos a estudar as forças armadas do país, interagindo com oficiais senegaleses, disse que descobriu que eles tinham recebido formação de todo o mundo, o que tornava “difícil obter consistência em toda a força.”

“Continuam a depender, de certa forma, de outros países e instituições para fornecer uma grande parte da educação e da formação. Portanto, há um emaranhado de diferentes doutrinas,” Matissek, que afirmou que os seus comentários não reflectem necessariamente as opiniões do governo dos EUA, disse à ADF. “Precisam de mais capacidade na sua academia, na escola de quadros médios e de ajuda para construir uma escola de guerra, para que a maioria das suas forças seja formada internamente.”

Força na Diversidade

Muitas forças armadas nacionais não reflectem os países que servem. Muitas vezes, os escalões superiores são preenchidos por membros de um grupo étnico ou religioso com ligações ao presidente. Este

desequilíbrio gera ressentimentos e pode ser um factor de motivação para golpes de Estado.

O Senegal tem trabalhado para o evitar. O país é maioritariamente muçulmano, mas possui uma diversidade étnica que inclui Wolof, Fula, Serer, Mandinka e outros. O exército faz recrutamentos em todos os grupos.

“As suas tropas reflectem a composição étnica e regional do país. Há uma chave ou um registo que mostra esta composição,” Niang disse ao ACSS. “Portanto, se dissermos que este grupo étnico representa 2% da população, vamos encontrar esses 2% no exército. O exército senegalês é, portanto, como um microcosmo do próprio Senegal.”

Do mesmo modo, o Senegal nunca criou uma guarda presidencial permanente. Em países com forças armadas disfuncionais, estas unidades estão cheias de soldados leais ao presidente e são utilizadas como um mecanismo para manter o poder e anular a dissidência. No Senegal, os membros da gendarmaria são afectos à guarda do presidente e são substituídos de dois em dois ou de três em três anos.

“Isso significa que aqueles que guarecem o presidente — ele não os escolhe, não os conhece. A Presidência é uma instituição. O presidente não escolhe o chefe da guarda presidencial,” Niang disse ao ACSS. “A guarda presidencial não pode lançar um golpe de Estado no Senegal, está menos equipada, não tem números suficientes e não é suficientemente forte.”



Líderes militares inspecionam uma pista de aeroporto em construção em Thiès. As Forças Armadas do Senegal têm uma longa história de participação em projectos de desenvolvimento. DIRPA

Promoção com Base no Mérito

Poucas coisas prejudicam mais o moral e a eficácia do que as promoções baseadas no compadrio ou em preferências étnicas. O Senegal tem conselhos de promoção em todos os níveis das suas Forças Armadas que avaliam a qualificação de um candidato para a promoção. O exército senegalês mantém um equilíbrio de 5% de oficiais, 15% de oficiais subalternos e 80% de soldados alistados. O país também tem evitado encher as fileiras superiores das suas Forças Armadas com oficiais que avançam devido ao favoritismo.

A liderança do país acredita que a meritocracia é essencial para a construção de um exército de alto desempenho. “Se for promovido com base em relações pessoais, pode ter a patente e o cargo, mas não será aceite nem legítimo aos olhos dos seus pares nem dos seus subordinados. E não será capaz de dar ordens ao seu pessoal para que este as execute sem hesitar ou reclamar,” o General Birame Diop, Ministro das Forças Armadas do Senegal, disse ao ACSS. “Num sistema baseado no mérito, nem todos concordarão sempre consigo, mas terá a legitimidade e a credibilidade necessárias para exercer autoridade sobre aqueles que lidera.”

Durante o tempo em que estudou o exército senegalês, Matissek descobriu que as unidades enfatizam os traços de liderança através de um sistema informal conhecido como “djobot.” Esta dinâmica, que se traduz aproximadamente por “relações familiares,” significa que os soldados que demonstram liderança são tratados como irmãos mais velhos ou mesmo como figuras paternais. Esta qualidade de liderança auto-identificada pode levar a uma promoção a nível formal. Significa também que as unidades se autopoliciam com uma cultura de elevados padrões e profissionalismo.

“É o elemento informal de alguém que é respeitado

e visto como um bom líder que cuida das suas tropas,” disse. “A percepção é a realidade. O djobot é utilizado para descrever a forma como avaliam o seu mérito.”

Ao interagir com os soldados de todos os níveis das SAF, Matissek ouviu repetidamente que o profissionalismo e a dedicação aos valores republicanos eram uma fonte de orgulho e cuidadosamente protegidos. Ele acredita que este facto ajuda a isolar o país do contágio do golpe de Estado que se está a propagar pelo continente. “Eles levam isto muito a sério no que diz respeito a ‘Nunca tivemos um golpe de Estado e vamos manter as coisas assim’,” Matissek disse à ADF. “Disseram: ‘Há muitas coisas que fazemos informalmente entre nós para nos certificarmos de que estamos todos de acordo em garantir que mantemos a tradição republicana de não interferência na política interna.’”

Os antigos soldados sabem que esta tradição deve ser protegida.

Com a aproximação do dia das eleições, em Fevereiro de 2024, o coronel paraquedista reformado Seyni Cissé Diop publicou um editorial no jornal intitulado “Que Nenni!” ou “Acho que não!” Nesse texto, comparava os militares senegaleses à figura mítica grega Odisseu que se amarra ao mastro de um navio para não se deixar tentar pelo canto das sereias. Os golpes de Estado e a corrupção política, segundo Diop, são o canto da sereia que desorienta as forças armadas africanas. Exortou os seus colegas soldados a recordarem a sua orgulhosa tradição.

“Vós sois os herdeiros das tradições de lealdade à República,” escreveu Diop. “Vós e a vossa instituição sobreviverão a esta crise política, seja qual for a causa, se permanecerem fiéis ao espírito dos vossos anciãos que souberam guardar a sua dignidade de soldados incorruptíveis.” □

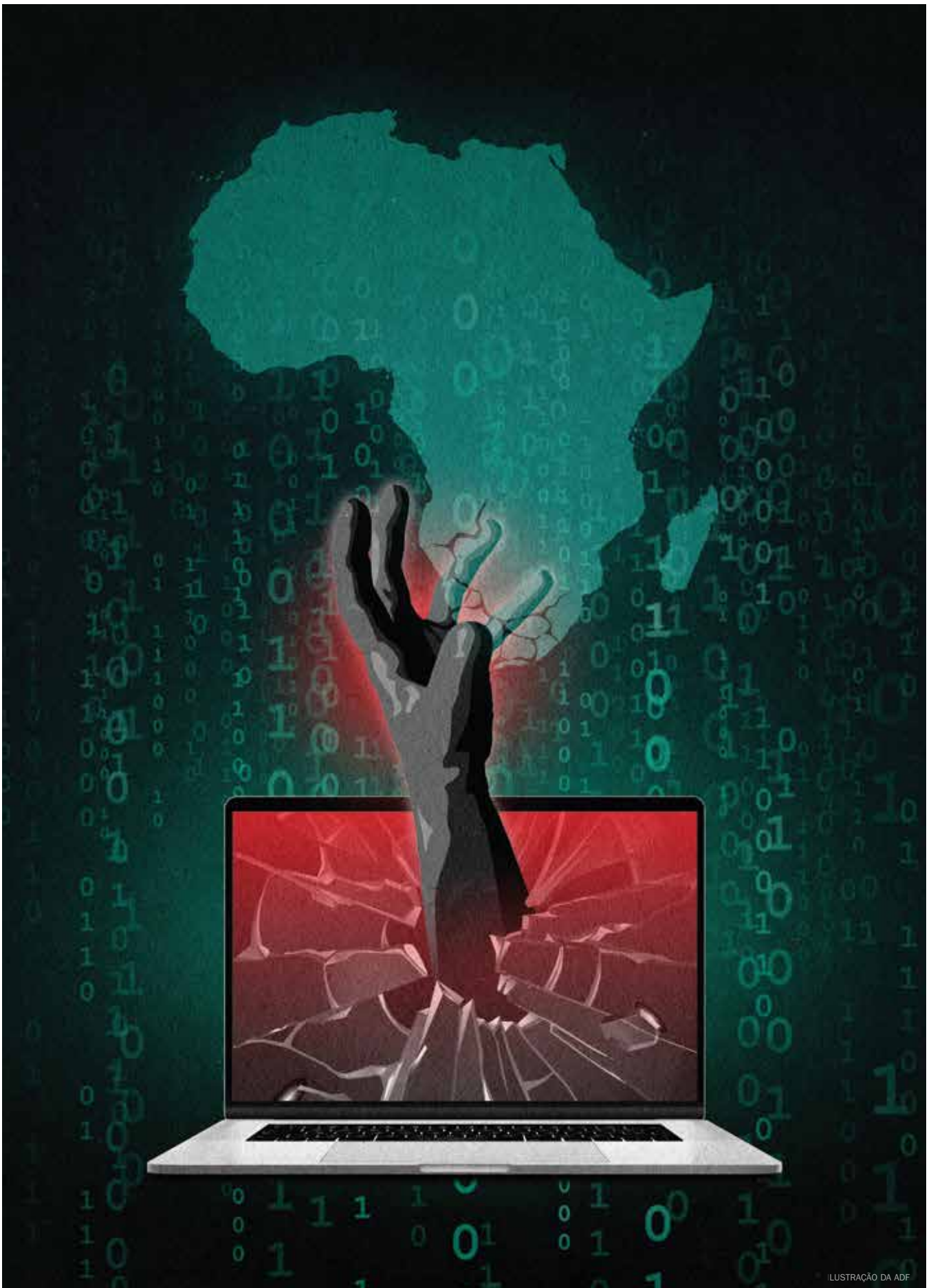


ILUSTRAÇÃO DA ADF

CRIMINOSOS CIBERNÉTICOS VÊM ÁFRICA COMO CAMPO DE ENSAIO

RANSOMWARE, PIRATARIA INFORMÁTICA E ROUBO DE IDENTIDADE ASSOLAM GOVERNOS E EMPRESAS

EQUIPA DA ADF

Um vírus de ransomware que infecta sistemas informáticos em África é a mais recente prova de que os criminosos estão a utilizar o continente como campo de ensaio para novos ataques.

O vírus Medusa visa empresas e agências governamentais, bloqueando os utilizadores do sistema e ameaçando expor informações sensíveis se não for pago um resgate.

O mesmo atingiu a Autoridade Aeroportuária do Quênia, bancos da África do Sul e outras empresas e organizações. A empresa de segurança cibernética Performanta, sediada em Londres, estudou os ataques e descobriu o que parece ser uma estratégia para se concentrar inicialmente em organizações de países com pouca experiência em defesa cibernética, incluindo países de África.

“Para conseguirmos um ambiente mais seguro em termos de segurança cibernética para todas as organizações a nível mundial, temos de aumentar a sensibilização para este problema crescente,” afirmou Guy Golan, Director-Executivo da Performanta, segundo a página da internet de notícias sobre segurança cibernética Dark Reading. “Só compreendendo as tendências e os padrões da guerra cibernética geopolítica é que poderemos clarificar o panorama global das ameaças.”

O Dr. Robinson Sibe, director-executivo da empresa de segurança cibernética Digital Footprints, com sede na Nigéria, afirma que, embora o “rápido crescimento da conectividade” em África tenha sido positivo do ponto de vista do desenvolvimento, “também se traduz num aumento súbito de utilizadores vulneráveis e numa superfcie de ataque alargada.” Por correio electrónico, Sibe disse à ADF que os criminosos cibernéticos “simplesmente aproveitaram-se da baixa preparação e maturidade das instituições do continente africano em termos de segurança cibernética.”

“Muitas das instituições de África, tanto públicas como privadas, têm um nível muito baixo de preparação para a segurança cibernética e são, por isso, vulneráveis,” escreveu. “O criminoso cibernético estará mais motivado para visar um alvo vulnerável.”

A criminalidade cibernética assume muitas formas. A Universidade de Norwich observa que os criminosos que se infiltram em computadores e redes desenvolveram software malicioso e técnicas de engenharia social para cometer diferentes tipos de crime cibernético. A universidade divide o crime cibernético em cinco categorias:

- A pirataria informática é o acto de obter acesso não autorizado a dados de um computador ou de uma rede. Os piratas informáticos exploram as fraquezas dos sistemas para roubar dados que vão desde informações pessoais e segredos empresariais a informações governamentais. Os piratas informáticos também penetram nas redes para perturbar as operações governamentais e comerciais. As autoridades afirmam que este tipo de pirataria custa bilhões de dólares por ano.
- Malware, ou software malicioso, refere-se a qualquer programação concebida para interferir com o funcionamento normal de um computador ou para cometer um crime cibernético. O malware existe desde que os computadores se tornaram amplamente disponíveis, com toda uma indústria dedicada ao seu bloqueio. Os tipos comuns de malware incluem vírus, worms, trojans invasivos e vários programas híbridos. Os subconjuntos de malware incluem adware, spyware e ransomware. “Bloqueando ficheiros digitais valiosos e exigindo um resgate para a sua libertação, os ataques de ransomware são normalmente executados com recurso a um trojan — malware que disfarça a sua verdadeira intenção,” refere a Norwich. “O ransomware infiltra-se normalmente através de e-mail, levando o utilizador a clicar num anexo ou a visitar um site que infecta o computador com código malicioso.” Os alvos do ransomware incluem serviços públicos, hospitais, escolas, governos estatais e locais, agências de lei e empresas.
- Quando alguém obtém ilegalmente as informações pessoais de outra pessoa e as utiliza para cometer um



Funcionários discutem sobre o crime cibernético e as respostas eficazes durante um workshop regional sobre o Crime Organizado Cibernético na África Ocidental em Abidjan, Costa do Marfim.

NAÇÕES UNIDAS

roubo ou fraude, trata-se de roubo de identidade. Nem todos os roubos de identidade resultam de ataques cibernéticos, mas o malware, como os trojans e o spyware, é frequentemente utilizado para roubar informações pessoais. O phishing, a prática fraudulenta de enviar mensagens de e-mail ou outras mensagens que se fazem passar por empresas idóneas para obter informações pessoais, como palavras-passe e números de cartões de crédito, é uma forma de roubo de identidade. Os ataques de phishing a empresas têm agora o seu próprio nome: compromisso do e-mail comercial.

- A engenharia social é a manipulação psicológica de pessoas para que realizem ações ou divulguem informações confidenciais. Os criminosos cibernéticos utilizam a engenharia social para cometer fraudes online. Os sites de namoro online podem proporcionar oportunidades para iniciar conversas com potenciais vítimas com o objectivo de as enganar e tirar-lhes o seu dinheiro.
- A pirataria de software é a reprodução, distribuição e utilização não autorizadas de software. Nos primórdios da tecnologia pessoal nos países africanos, os computadores eram normalmente carregados com software pirata contendo vírus. O software pirata assume a forma de produtos comerciais contrafeitos, incluindo sistemas operativos e software de escritório. O grupo comercial BSA estima que 37% do software instalado em computadores pessoais a nível mundial não está licenciado. Os criminosos cibernéticos adicionam frequentemente malware ao software pirateado.

O advento e o aperfeiçoamento da inteligência artificial acrescentarão um novo nível de complexidade à luta contra a criminalidade cibernética. O X-Force Threat Intelligence Index 2024, compilado por uma equipa de piratas informáticos, responsáveis, investigadores e analistas, observou que a inteligência artificial generativa, que utiliza modelos de aprendizagem profunda para criar novos conteúdos, incluindo texto, imagens, música, áudio

e vídeos, obrigará todos a rever a forma como definem e respondem às ameaças cibernéticas.

“Os decisores políticos, os executivos de empresas e os profissionais de segurança cibernética estão todos a sentir a pressão para adoptar a IA nas suas operações,” observou o índice, conforme relatado pela Business Insider Africa. “E a pressão em adoptar a IA [generativa] está actualmente a ultrapassar a capacidade da indústria para compreender os riscos de segurança que estas novas capacidades irão introduzir.”

A PRAGA DO RANSOMWARE

O ransomware data de 1989 e tornou-se uma força destrutiva em quase todos os locais onde os computadores são utilizados. As vítimas recusam-se frequentemente a revelar se pagaram resgates e, em caso afirmativo, o montante pago. No seu relatório anual sobre crimes, a empresa de rastreamento de criptomoedas Chainalysis calculou que os pagamentos de ransomware ultrapassaram 1,1 bilhões de dólares em 2023, com base no rastreamento desses pagamentos em blockchains. Foi o número mais elevado alguma vez medido pela empresa num único ano e quase o dobro do ano anterior.

O Dr. Nate Allen, professor associado do Centro de Estudos Estratégicos de África, afirma que os países e as empresas africanas se tornaram alvos de ransomware.

“O ransomware é uma grande ameaça, em parte, porque, por vezes, o ransomware atinge elementos-chave de infra-estruturas críticas, como portos, redes eléctricas ou serviços governamentais,” afirmou num e-mail enviado à ADF. “Todos foram desactivados por ransomware em várias partes de África nos últimos anos. E este é um desafio particular para África porque, embora os países africanos não tenham o mesmo grau de infra-estruturas críticas dependentes da tecnologia que os países ocidentais, as que têm servem, muitas vezes, uma parte significativa da população e podem funcionar com software desactualizado, o que as torna um alvo apetecível.”

Sibe e Allen concordam que o compromisso de e-mail comercial, ou BEC, se tornou uma enorme fraude em África e resultará em ataques sofisticados de phishing contra utilizadores desprevenidos.

“De acordo com as estimativas do FBI, os actores do BEC foram responsáveis por dezenas de bilhões de dólares de perdas,” Allen disse à ADF. “Estavam entre os grupos mais prolíficos de piratas informáticos que cometeram fraudes em matéria de seguros e prestações sociais durante a pandemia da COVID-19, roubando centenas de milhões, se não bilhões, de dólares em ajudas destinadas a pessoas que perderam o emprego ou tiveram de suspender as suas vidas devido à pandemia.”

Num relatório de 2023, a empresa de consultoria Control Risk referiu que as questões relacionadas com o crime cibernético tornar-se-ão provavelmente “cada vez mais relevantes” em África, à medida que os criminosos cibernéticos se tornam mais sofisticados. O relatório afirma que as empresas que operam em África e as empresas africanas que pretendem expandir-se para fora do continente “terão cada vez mais de considerar a segurança

cibernética a par da segurança física no seu planeamento.” As empresas que operam em África são susceptíveis de enfrentar ameaças de segurança cibernética cada vez mais sofisticadas e uma exposição crescente a questões físicas, como a concorrência geopolítica ou a criminalidade, que se tornam mais proeminentes no espaço cibernético, segundo o relatório.

PIRATAS INFORMÁTICOS EXTERNOS

Estudos mostram que uma parte da criminalidade cibernética em África é de origem interna. No entanto, Sibe observou que existem “fontes abundantes” que mostram que muitos ataques cibernéticos em África provêm de maus actores em países fora do continente.

“Houve vários relatos de ataques cibernéticos em África, ligados a agentes de ameaças russos e aos seus representantes no espaço africano,” escreveu. “Além disso, no ano passado, durante as eleições na Nigéria, o Ministro das Comunicações e da Economia Digital anunciou milhões de ataques cibernéticos contra as infra-estruturas eleitorais do país. De acordo com o comunicado, a maior parte delas teve origem fora do país (e do continente).

“Numa das eleições estatais anteriores, alguns dos ataques terão tido origem na Ásia. Em 2021, a Equipa Nigeriana de Resposta a Emergências Informáticas emitiu um aviso de que um grupo de piratas informáticos iraniano conhecido como Lyceum estava a visar empresas de telecomunicações e Ministérios dos Negócios Estrangeiros, na Nigéria e noutros países africanos.”

Sibe observou também que, em 2022, os criminosos cibernéticos russos foram responsabilizados por ataques a sites de apostas populares na Nigéria e noutros países. Observou que, em 2023, houve relatos de grupos de ameaças patrocinados pelo Estado chinês que efectuaram ataques sustentados contra empresas de telecomunicações e instituições governamentais em países africanos.

FALTA DE SENSIBILIZAÇÃO

Sibe afirma que um dos principais problemas de muitos países africanos é a falta de sensibilização sobre o crime cibernético.

“Como se costuma dizer, o utilizador é, muitas vezes, o elo mais fraco de uma implementação de segurança,” Sibe disse à ADF. “Independentemente das implementações de segurança, sem um utilizador capaz, haverá sempre desafios. Dito isto, as instituições e os países africanos precisam de investir na segurança cibernética para melhorar a sua resiliência e prontidão. A maioria das instituições tem pouco ou nenhum orçamento para a segurança cibernética. As organizações precisam de reforçar a sua resiliência cibernética através de melhores infra-estruturas, processos e formação regular do pessoal.”

Acrescentou que é necessária uma colaboração mais estreita entre as instituições públicas e privadas, bem como um melhor acompanhamento dos processos de criminalidade cibernética. Observou que existe legislação específica sobre o crime cibernético na maioria dos países africanos, mas a menos que os sistemas de justiça e as



O Ruanda acolheu o Fórum Africano de Defesa Cibernética de 2023, uma conferência anual que reúne os principais especialistas mundiais em segurança cibernética e líderes governamentais.

AUTORIDADE NACIONAL DE SEGURANÇA CIBERNÉTICA DO RUANDA

autoridades policiais estejam “juridicamente preparados,” os criminosos cibernéticos sempre aproveitar-se-ão das lacunas na acção penal.

“Além disso, a África tem um dos números mais baixos de especialistas em segurança cibernética do mundo,” afirmou. “Não se pode travar uma guerra formidável contra os criminosos cibernéticos sem pessoal competente. Para resolver este problema de forma sustentável, os governos têm de reforçar estrategicamente as instituições de ensino. A ideia é aumentar as competências para colmatar o défice crescente de talentos no domínio da segurança cibernética.”

Allen disse que a luta contra o crime cibernético é complicada pelo facto de ser um termo demasiado restrito para o que está a acontecer em África.

Isso deve-se ao facto de haver cada vez mais um elemento “cibernético” em quase tudo o que fazemos, incluindo no domínio da segurança,” afirmou. A utilização abusiva dos recursos cibernéticos pode incluir a espionagem e a vigilância patrocinadas pelo Estado; a subversão cibernética ou a chantagem dirigida a instituições ou indivíduos importantes; e a crescente dependência dos sistemas militares, incluindo os que estão a ser implantados em África, numa série de tecnologias digitais.

Allen observou que o crescimento económico de África dependerá, em grande medida, da forma como as nações lidam com os crimes cibernéticos.

“O crescimento económico em África e em todo o mundo está cada vez mais ligado ao crescimento digital,” escreveu. “Estudos estimam, por exemplo, que, por cada aumento de 10% na conectividade em África, obtém-se um aumento de 2,5% no produto interno bruto. Ao mesmo tempo, o crime cibernético está a caminho de tornar-se uma indústria de 10 trilhões de dólares até 2025. A questão é que não se pode ter um crescimento digital sem sistemas digitais seguros e, na medida em que os sistemas em África são particularmente vulneráveis às ameaças cibernéticas, isso será um entrave à prosperidade económica.” □



CRIME

TRANSNACIONAL

CAPTURA PAÍSES

EMPRESAS CRIMINOSAS VISAM NAÇÕES AFRICANAS PARA ÓBTER LUCROS E ALIMENTAR O TERRORISMO

EQUIPA DA ADF | FOTOS DA REUTERS

As recentes apreensões de drogas ilegais no Sahel indicam que a região assolada por conflitos está a tornar-se uma rota movimentada para o tráfico de droga.

Em 2022, as autoridades apreenderam 1.466 quilogramas de cocaína no Burquina Faso, Chade, Mali e Níger, em comparação com uma média de 13 quilogramas entre 2013 e 2020, de acordo com um relatório das Nações Unidas de Abril de 2024.

“Embora as estimativas anuais não estivessem disponíveis para 2023, 2,3 toneladas de cocaína já tinham sido apreendidas na Mauritânia até Junho de 2023,” refere o relatório. “A localização geográfica da região torna-a um ponto de paragem natural para a crescente quantidade de cocaína produzida na América do Sul a caminho da Europa, que tem registado um aumento semelhante na procura da droga.”

A ONU observou que o tráfico de droga fornece recursos financeiros aos grupos armados no Sahel, onde os grupos extremistas se têm expandido numa altura em que os países da região são vítimas de golpes militares.

“O tráfico de drogas é facilitado por diferentes indivíduos, que podem incluir membros da elite política, líderes comunitários e líderes de grupos armados,” diz o relatório, acrescentando que isso permite que os grupos armados “sustentem o seu envolvimento em conflitos, principalmente através da compra de armas,” conforme relatado pela Al Jazeera.

O contrabando de droga faz parte de uma multiplicidade de crimes organizados transnacionais, ou COT, em todo o continente. A lista crescente destes crimes inclui raptos com pedido de resgate, venda ilícita de armas, branqueamento de capitais, fluxos financeiros ilegais, crime cibernético, exploração madeireira ilegal, contrabando de ouro e tráfico de seres humanos. O contrabando de animais selvagens ameaçados de extinção para a China e outras partes da Ásia é uma actividade importante que envolve animais como os pangolins.

Nos últimos anos, estes crimes aumentaram em toda a África, desencadeados por questões políticas, socioeconómicas e tecnológicas. Os factores agravantes incluem uma governação fraca e corrupta, segurança fronteiriça não aplicada, suborno, falta de emprego, pobreza e fiscalização inadequada. A tecnologia cada vez mais barata cria uma nova via para a prática de crimes graves.

“Os COT ocorrem através de redes, que permitem aos sindicatos criminosos, aos actores locais e a certos funcionários governamentais corruptos explorar as diferenças económicas e políticas transfronteiriças, alimentar os mercados ilícitos e adaptar-se agilmente aos esforços dos Estados africanos para os detectar e punir,” refere o Centro de Estudos Estratégicos de África.

“Os Estados africanos estão vinculados nos seus esforços de combate aos COT por princípios de governação como a soberania, o Estado de direito e a ética profissional, e são frequentemente confrontados com o desafio de calibrar acções estratégicas conjuntas de militares, polícias e oficiais de justiça, bem como de trabalhar com líderes locais e organismos supranacionais para responder eficazmente.”

O crime organizado em África estende-se aos seus oceanos. A investigadora Carina Bruwer, escrevendo para o Instituto de Estudos de Segurança (ISS) em 2023, disse que a falta de responsabilidade do governo e da indústria transformou os oceanos de África na “maior cena de crime transnacional do mundo.”

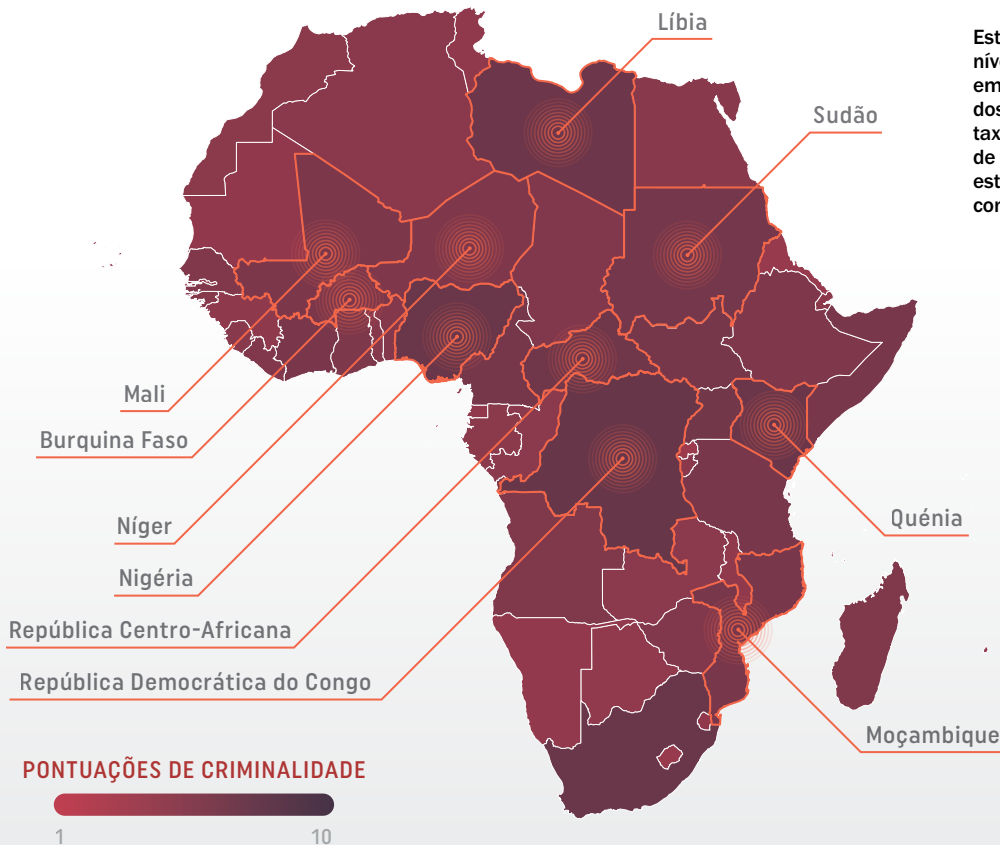


Autoridades quenianas exibem pacotes de heroína, duas pistolas e munições apreendidas a traficantes de droga na cidade portuária de Mombaça. A polícia disse ter apreendido 196 quilogramas de heroína, avaliados em cerca de 5 milhões de dólares, e detido seis pessoas.

“O oceano é fundamental para o comércio ilícito global,” afirmou. “As redes criminosas saqueiam os recursos marinhos, vasculham as rotas marítimas em busca de embarcações para sequestrar e atravessam as águas costeiras e o alto mar para transportar mercadorias para destinos distantes.”

Bruwer observou que a localização de África, entre múltiplos mercados mundiais de procura e oferta, faz dela um local viável para o crime organizado. “As costas oriental e ocidental de África são importantes centros de trânsito de estupefacientes e pontos de acesso à pirataria a nível mundial. O contrabando de migrantes mortais do Norte de África é frequente e, a sul, os recursos marinhos, como o abalone e a lagosta, enfrentam o colapso devido à colheita ilegal.”

FOCOS DE CONFLITO



Fonte: Instituto de Estudos de Segurança, Índice de Crime Organizado de África do ENACT 2023



Homens carregam troncos de pau-rosa acabados de cortar para um camião na Serra Leoa. O pau-rosa e outras madeiras de lei são ilegalmente extraídos em toda a África para serem utilizados em mobiliário personalizado na China.

MULTIPLICIDADE DE CRIMES ORGANIZADOS

Os raptos com pedido de resgate em África incluem viajantes, homens de negócios, padres e pessoas consideradas ricas. A SBM Intelligence, uma empresa de consultoria de riscos sociopolíticos, informou que, entre Julho de 2022 e Junho de 2023, os raptos sequestraram 3.620 pessoas em 582 casos na Nigéria, tendo sido pagos cerca de 5 bilhões de

nairas, ou seja, quase 4 milhões de dólares, em resgates.

Em 2023, a Interpol e a Afripol da União Africana coordenaram uma operação em 25 países africanos que permitiu aos investigadores deter 14 suspeitos de crime cibernético e identificar 20.674 redes cibernéticas suspeitas. Segundo a Interpol, as redes estão ligadas a perdas financeiras superiores a 40 milhões de dólares.

No Sudão, os mercenários russos do Grupo Wagner, que foi rebaptizado como Africa Corps, domina o mercado do ouro não transformado através do controlo de uma importante refinaria não identificada. Um relatório do Atlas News estima que cerca de 2 bilhões de dólares em ouro são contrabandeados anualmente para fora do país. O ouro financia a guerra da Rússia contra a Ucrânia.

Em Abril de 2023, investigadores ambientais descobriram a exploração ilegal de madeira de pau-rosa em Damongo, a capital da região de Savannah, no Gana. Segundo algumas estimativas, mais de 6 milhões de árvores de pau-rosa foram abatidas no Gana desde 2012, apesar das proibições impostas desde então. A valiosa madeira de lei é utilizada para fabricar mobiliário personalizado para o mercado chinês.

De acordo com as estimativas mais conservadoras, 10.000 pangolins são traficados ilegalmente todos os anos em África, informou a CNN. Annamiticus, um grupo de defesa, diz que, como apenas uma pequena percentagem do comércio efectivo é apreendida ou noticiada pelos

meios de comunicação social, o número real ao longo de dois anos varia entre 117.000 e 234.000 pangolins. Os pangolins são sobretudo utilizados pelas suas escamas como ingrediente na medicina tradicional chinesa, apesar de as escamas não terem qualquer valor medicinal.

As autoridades nigerianas informaram em 2023 que as perdas do país com o roubo de petróleo e outros crimes relacionados com o petróleo ascenderam a 3 bilhões de dólares entre 2017 e 2022. O jornal Punch, da Nigéria, noticiou que as autoridades registaram 7.143 casos de vandalismo em oleodutos durante o mesmo período, com 209 milhões de barris de petróleo bruto e outros produtos perdidos.

As forças dos Estados Unidos interceptaram um veleiro em águas internacionais entre o Irão e o Iémen que transportava mais de 2.000 espingardas de assalto AK-47 em Janeiro de 2023. Carregamentos de milhares de armas ilícitas provenientes do comércio de armas entre o Irão e o Iémen terão sido transportados por via marítima para a Somália para serem vendidos a grupos extremistas violentos, incluindo o al-Shabaab.

Num relatório de 2024 sobre o tráfico de seres humanos, o Statista informou que, em 2020, a maioria das vítimas detectadas de tráfico de seres humanos em África eram mulheres e raparigas. “As formas mais comuns de exploração foram a exploração sexual e o trabalho forçado,” informou o grupo de investigação. “Na África Austral, por exemplo, 43% das vítimas foram exploradas para trabalhos forçados, enquanto 48% foram vítimas de exploração sexual. Além disso, a exploração sexual era menos prevalente entre as vítimas detectadas de tráfico humano na África Oriental (13%) do que entre as vítimas de trabalho forçado (80%).”

LIGAÇÕES AO TERRORISMO

Algumas formas de criminalidade transcontinental são estritamente criminosas, sem ligações a ideologias, mas alguns desses crimes alimentam grupos terroristas. “A confluência entre o terrorismo e o crime organizado transnacional é tão antiga como a história de cada um,” afirma o ISS num estudo de 2023. “Para os terroristas, o lucro financeiro do crime organizado não é um fim em si mesmo, mas um meio para um objectivo político, religioso ou ideológico maior.”

Ghada Fathi Waly, do Escritório das Nações Unidas contra a Droga e o Crime, disse ao Conselho de Segurança da ONU, em Outubro de 2022, que o terrorismo e o crime organizado estão ligados em toda a África, particularmente no Sahel, “que é gravemente afectado pelas actividades de grupos terroristas activos e mortais,” de acordo com um relatório da ONU. Segundo ela, os estudos realizados nas zonas fronteiriças dos Camarões, da República Democrática do Congo e do Gabão, bem como da República Centro-Africana e do Chade, centraram-se no “tráfico ilícito de minerais como fonte de financiamento de grupos terroristas.” Afirmou que o ouro e outros metais preciosos extraídos ilegalmente “estão a ser introduzidos no mercado legal, proporcionando enormes lucros aos traficantes.”

Bankole Adeoye, da União Africana, disse ao Conselho de Segurança que as redes transnacionais de crime organizado eram “instrumentais no tráfico ilícito de armas e munições que sustentam as operações de terroristas e grupos

Alunos e professores foram raptados em Março de 2024, mas depois libertos. São mostrados numa casa do governo em Kaduna.



extremistas violentos, e também apoiam crimes relacionados com os recursos naturais, como a exploração mineira ilegal, em particular o ouro, e o comércio ilícito de troféus de animais selvagens, como o marfim,” informou a ONU.

Nos últimos anos, três países vizinhos da África Oriental tiveram de lidar com tipos específicos de crimes transnacionais: venda de armas ligeiras e de pequeno calibre na Etiópia, tráfico de droga no Quênia e contrabando na Somália pelo al-Shabaab. O Wilson Center, um centro de investigação sem fins lucrativos sediado nos EUA, realizou um estudo em 2020 sobre os problemas dos três países. O centro concluiu que esses países, tal como outras nações com problemas semelhantes, precisam de reconhecer o crime organizado transnacional como um desafio de governação e segurança que requer uma solução estratégica.

O estudo faz também recomendações aos “principais interessados,” incluindo grupos não-governamentais, para melhor combater e prevenir os crimes transnacionais. Estas recomendações aplicam-se a qualquer país que lide com o crime organizado transnacional:

- Aplicar as estratégias de luta contra a criminalidade estabelecidas, incluindo a detecção, o congelamento, a apreensão e o confisco dos produtos do crime. Criar instituições estatais profissionais, nomeadamente no domínio da aplicação da lei e da segurança nacional.
- Estabelecer a cooperação transfronteiriça e a partilha de informações, porque a criminalidade transnacional não tem fronteiras e essas medidas são necessárias para a combater e prevenir.
- Promover parcerias e colaboração entre o governo,

os meios de comunicação social, a sociedade civil e o sector privado: “É essencial encorajar os meios de comunicação social livres a realizar investigações sobre estas redes criminosas e os funcionários corruptos que as apoiam.”

- Incentivar as entidades da sociedade civil e os líderes empresariais privados a defenderem a luta contra a corrupção e as actividades empresariais ilícitas. “As parcerias entre governos e jornalistas, líderes empresariais e activistas da sociedade civil podem dar um contributo significativo para erradicar o flagelo do COT da África Oriental, que está a minar os esforços de construção da paz na região.”

ÍNDICE DE CRIMINALIDADE 2023

O Índice de Crime Organizado de África, do ENACT, acompanha as tendências do crime organizado transnacional nas regiões de África, bem como as respostas dos países. O projecto ENACT é financiado pela União Europeia e implementado pelo ISS e pela Interpol. Os relatórios destinam-se a ser um instrumento para a elaboração de políticas e para a definição de prioridades em resposta à criminalidade organizada em África.

O relatório do ENACT 2023 sublinha a necessidade de as nações africanas criarem resiliência para resistir e recuperar de tais crimes. O relatório classifica os 54 países do continente de acordo com os seus níveis de criminalidade,

Um agente da polícia queniana observa uma pilha de armas de fogo ligeiras e de pequeno calibre ilícitas a arder no museu Uhuru Gardens, em Nairobi.





Um mineiro artesanal sai de um poço de uma mina de ouro no oeste do Quênia. Os mineiros de ouro de algumas partes de África são forçados a trabalhar para terroristas, que usam o ouro para financiar ataques.

numa escala de 1 a 10, sendo 10 o nível mais elevado de criminalidade. Também classifica a resiliência de 1 a 10, sendo 10 o nível mais elevado de resistência e recuperação.

O relatório de 2023 destacou o Quênia como tendo de lidar com múltiplos tipos de criminalidade transnacional.

“O Quênia tem resultados acima da média em todos os mercados criminosos avaliados: tráfico de seres humanos (8,0 do total de 10); contrabando de seres humanos (7,5); extorsão e extorsão de protecção (7,0); tráfico de armas (7,5); comércio de produtos de contrafacção (7,0); comércio de heroína (7,5); comércio de cocaína (6,0); comércio de cannabis (6,5); comércio de drogas sintéticas (5,5); crimes cibernéticos (8,0); e crimes financeiros (7,5),” refere o relatório.

“Estes mercados ilícitos têm um efeito negativo em quase todos os sectores da sociedade queniana. Não só são altamente rentáveis, como também estão a aumentar a sua penetração.”

De um modo geral, conclui o relatório de 2023, as nações africanas precisam de expandir os seus esforços em novas direcções para lidar com o crime transnacional.

“A maior parte das respostas ao crime organizado no continente tende a centrar-se nos quadros institucionais, como a promulgação de leis, a ratificação de instrumentos internacionais e as campanhas contra o crime organizado como parte da retórica política e das estratégias nacionais,” refere o relatório. “É necessária uma abordagem mais holística que inclua medidas ‘mais suaves,’ como a prevenção, o apoio às vítimas e às testemunhas e iniciativas de actores não estatais.



Um pangolim resgatado, comprado a um vendedor de animais selvagens, descansa num jardim em Lagos, na Nigéria. O tráfico ilegal de pangolins é maior do que o de qualquer outro animal no mundo.

“Os países não podem confiar apenas na legislação e na política sem a sua aplicação. É igualmente necessário o envolvimento de uma sociedade civil sólida e activa para reforçar a resiliência a nível comunitário. Embora o desafio da criminalidade esteja a aumentar, pode ser atenuado através de um esforço concertado que englobe todos os elementos constitutivos da resiliência. Os países do continente precisam de diversificar, intensificar e reforçar as suas respostas colectivas e os seus esforços para criar estruturas de resistência duradouras contra o crime organizado.” □

Djibouti Recebe Aviões de Missão Especial

EQUIPA DA ADF

A Força Aérea do Djibuti receberá dois aviões turbopropulsores Cessna Grand Caravan EX para missões especiais, como patrulhas fronteiriças, após a adjudicação de um contrato à Textron Aviation.

O contrato foi adjudicado pelo U.S. Army Contracting Command, anunciou a Textron Aviation, sediada nos EUA.

“Os dois aviões de missões especiais Cessna Grand Caravan EX serão equipados com inteligência, vigilância e reconhecimento (ISR) para garantir a soberania fronteiriça do país de Djibouti,” anunciou a Textron, segundo a defenceWeb.

Os Estados Unidos forneceram aviões Caravan a várias nações africanas para missões de ISR. Em Março de 2022, a Textron revelou que lhe foi adjudicado um contrato pela ATI Engineering Services para quatro aviões Cessna Grand Caravan EX para a Força Aérea Tunisina. A ATI deveria modificar e equipar a aeronave com sensor electroóptico/infravermelho, consola de operação, rádio táctico, ligação de dados de vídeo e iluminação compatível com visão nocturna.

O avião Grand Caravan EX voou pela primeira vez

em 1982. É utilizado por forças aéreas, companhias aéreas regionais, operadores de fretamento e transportadores de carga em todo o mundo. Também tem sido utilizado para treino de voo e missões humanitárias. O projecto inclui uma asa alta, uma cabina não pressurizada, um único motor turbopropulsor e um equipamento de aterragem triciclo fixo. Foi concebido para cargas úteis elevadas e pistas curtas e irregulares. Na versão comercial padrão, tem capacidade para nove pessoas, mas pode transportar até 14. Foram construídos mais de 3.000 deste tipo.

Anteriormente, os EUA concederam subvenções para 14 aviões Grand Caravan EX. Em 2020, a ATI Engineering foi contratada para converter dois aviões Cessna Grand Caravan EX para a Força de Defesa do Ruanda.

Os Grand Caravans têm sido uma escolha popular de aeronaves de ISR entre os países africanos, adquiridas como doações dos EUA ou compradas a pronto. Os países africanos que já possuem aviões Grand Caravan EX incluem os Camarões, o Quênia, a Mauritânia e o Uganda.

TUNÍSIA

Actualiza Aviões de Transporte

—EQUIPA DA ADF—

A Força Aérea Tunisina está a modernizar dois dos seus aviões de transporte Lockheed Martin C-130 Hercules. Os dois aviões voaram para a base aérea de Paya Lebar, em Singapura, para serem modernizados pela ST Engineering Defence Aviation Services.

As aeronaves estão a ser equipadas com o Cockpit Display System Retrofit da Honeywell, que está disponível em opções de três e cinco ecrãs com ecrãs LCD de grande formato, controlos de voo, dados aéreos e sensores de altitude.

As melhorias incluem também instrumentos digitais, um ecrã multifuncional e uma série de periféricos, como um radar meteorológico, um sistema de prevenção de colisões de tráfego e controlos de voo avançados, informou a defenceWeb.



Os reequipamentos foram concebidos para proporcionar aos pilotos e à tripulação de voo da Força Aérea Tunisina uma maior segurança, maior flexibilidade e eficiência e uma manutenção mais fácil, afirmou a Honeywell.

A Força Aérea Tunisina conta com dois C-130H e um C-130B Hercules em serviço, juntamente com dois C-130J-30 Super Hercules, que foram entregues em Abril de 2013 e Janeiro de 2015. Dez outros Hércules encontram-se em armazém ou em conservação.

O C-130 Hercules é um avião de transporte militar quadrimotor turbopropulsor que foi produzido pela primeira vez nos Estados Unidos em 1955. Continuam a ser feitas versões actualizadas. Foi concebido para o transporte aéreo de tropas em distâncias médias e para poder aterrar em aeródromos curtos e básicos.

Cerca de 70 países adquiriram C-130s ao longo dos anos. Foram produzidos mais de 2.500 aviões deste tipo.

Existem mais de 40 variações do C-130 padrão. A revista Forbes previu que o C-130 se tornará provavelmente o primeiro avião militar da história a manter-se em serviço contínuo durante 100 anos.

Nigéria Adquire Helicópteros de Ataque

DEFENCEWEB

Com o objectivo de melhorar as capacidades de defesa aérea da Nigéria e a manutenção da estabilidade regional, as forças armadas do país irão adquirir 12 helicópteros de ataque AH-1Z Viper.

O fabricante americano Bell Textron recebeu um contrato de 455 milhões de dólares para produzir e entregar a aeronave. O Departamento de Defesa dos EUA anunciou a venda em Março de 2024, acrescentando que o contrato inclui engenharia, gestão de programas e apoio logístico. Prevê-se que os trabalhos estejam concluídos em Julho de 2028.

Em Abril de 2022, os EUA aprovaram a venda de 12 Bell AH-1Zs à Nigéria por 997 milhões de dólares. O acordo proposto incluía 28 motores T-700 GE 401C, 2.000 secções de orientação do Sistema Avançado de Armas de Assassinato de Precisão, canhões de 20 mm, sistemas de mira, equipamento de visão nocturna e apoio técnico e logístico. Em Dezembro de 2023, os EUA anunciaram um contrato adjudicado à Northrop Grumman para produzir e entregar mais 32 “computadores de missão de actualização técnica H-1 em apoio à aeronave AH-1Z para o governo da Nigéria.”

O programa AH-1Z foi originalmente lançado em 1996 pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. O AH-1Z voou pela primeira vez em Dezembro de 2000. O modelo Viper possui uma estrutura de 10.000 horas de voo, um rotor de cauda de quatro pás e sistema de accionamento, equipamento de aterragem melhorado e um novo sistema de rotor principal dobrável de quatro hélices sem dobradiças e sem rolamentos. A nova configuração do rotor proporciona uma maior agilidade, uma velocidade máxima mais elevada, uma taxa de subida mais rápida e uma vibração reduzida.

Os novos aviónicos incluem um cockpit de vidro totalmente digital com grandes ecrãs multifunções de cristais líquidos e ecrãs montados no capacete. O sistema do capacete tem capacidade de dia e de noite e a sua viseira projecta para a frente imagens de infravermelhos ou de vídeo.

O helicóptero está equipado com um sistema de mísseis Hellfire, pode transportar mísseis ar-ar e tem um canhão de 20 mm.

CABO JONATHAN L. GONZALEZ/
CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA





SISTEMA DE RADAR DÁ AO GANA UMA VISÃO COMPLETA DO MAR

EQUIPA DA ADF

O Gana está a instalar um sistema semelhante a esta rede de radares costeiros nigerianos para melhorar o seu conhecimento do domínio marítimo.

MARINHA DA NIGÉRIA

Um novo sistema de vigilância dará ao Gana a imagem mais completa de sempre do seu domínio marítimo.

O sistema de monitorização do domínio marítimo inclui radares de longo alcance que permitirão à Marinha do Gana ver para além dos 370 quilómetros da zona económica exclusiva (ZEE) do país. Descrevendo-o como um “factor de mudança,” o Chefe do Estado-Maior da Marinha do Gana, o Contra-Almirante Issah Adam Yakubu anunciou o projecto durante uma conferência em Fevereiro de 2024 no Quartel-General da Marinha, em Burma Camp. Numa entrevista com a ADF durante a Cimeira das Forças Marítimas Africanas em Accra, Yakubu disse que o sistema marca uma grande actualização que permite à marinha seguir os maus actores que tentam esconder a sua localização.

“Actualmente, os sistemas que utilizamos são baseados na internet, sobretudo o AIS [sistema de identificação automática]. Os maus actores não transmitem o AIS. Ficam às escuras e as nossas capacidades de radar não vão até ao fim da nossa zona económica exclusiva,” disse.

Yakubu afirmou que o novo sistema é preferível a um sistema que se baseia em satélites. “Temos duas opções: satélite ou radar

no horizonte,” disse. “O satélite, por causa dos custos de manutenção, por causa das assinaturas, optámos pelos radares no horizonte, que nos poderão levar até ao limite da nossa zona económica exclusiva.”

O Gana deve monitorizar 225.000 quilómetros quadrados de oceano.

O sistema, que deverá estar operacional em 2024, substituirá os actuais sistemas de informação sobre tráfego marítimo e gestão de navios patrocinados pela Autoridade Marítima do Gana. É semelhante ao sistema de vigilância Falcon Eye utilizado na Nigéria, de acordo com um relatório do Ghana Peace Journal (GPJ).

Yakubu disse que uma equipa da autoridade e líderes da Marinha do Gana viajaram para a Sérvia, onde participaram em testes de aceitação de fábrica para o novo equipamento.

O planeamento e a preparação necessários para adquirir o equipamento que permite a vigilância total do domínio marítimo da ZEE estão em curso há 10 anos, disse Yakubu.

“Finalmente, estamos prestes a atingir este objectivo essencial, que atravessa todas as estratégias que os nossos antecessores desenvolveram e com as quais trabalharam,” afirmou, segundo o GPJ.

PAÍSES USAM TECNOLOGIA E COOPERAÇÃO PARA COMBATER ARMAS ILÍCITAS

NA ÁFRICA ORIENTAL

Os chefes de segurança da África Oriental e Austral acreditam que são necessárias novas tecnologias e uma abordagem comum para combater o contrabando de armas.

Delegados de 26 países africanos reuniram-se em Nairobi, em Março de 2024, numa reunião preparatória regional antes de uma conferência das Nações Unidas sobre a prevenção, o combate e a erradicação do comércio ilícito de armas ligeiras e de pequeno calibre (ALPC).

Um dos participantes considerou a proliferação de armas uma “ameaça existencial” para a estabilidade do continente.

“As armas ligeiras e de pequeno calibre continuam a causar estragos nas comunidades, a alimentar conflitos, a minar a paz e a estabilidade e a impedir o desenvolvimento socioeconómico do continente africano,” afirmou o Secretário Permanente do Ministério do Interior do Quênia, Raymond Omollo.

A União Africana está a debater a necessidade de uma política comum entre os Estados-membros. O organismo continental e os Estados-membros estão também a procurar adquirir novos instrumentos para rastrear as armas desde a fonte até ao utilizador final, bem como máquinas para a reciclagem de armas.

Christopher Kayoshe, chefe interino da Divisão de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração/Reforma do Sector da Segurança da UA, afirmou que isto ajudará a atingir o objectivo da UA de “silenciar as armas.”

“O nosso desejo é que o continente seja guiado por uma posição comum, de modo que estas reuniões deliberadas no âmbito da Comissão da UA sejam valiosas,” afirmou.

Das 40 milhões de armas ligeiras que circulam no continente africano, o Instituto das Nações Unidas para a Investigação sobre o Desarmamento calcula que 40% são ilícitas. A nível mundial, estão em circulação 1 bilhão de armas ligeiras que matam cerca de 250.000 pessoas por ano.

Estas armas são responsáveis por 45% de todas as mortes violentas a nível mundial, com os dados da ONU a indicarem que 260.000 pessoas foram mortas por armas ligeiras só em 2021.

A Quarta Conferência de Revisão da ONU centrou-se na implementação do Instrumento Internacional de Rastreo de 2005 da ONU, que apela a que cada armamento do tipo ALPC tenha dados de identificação únicos e a que as nações mantenham registos das armas dentro das suas fronteiras.

Funcionários queimam um arsenal de armas ilegais em Ngong, no Quênia. Os países estão a procurar melhores formas de rastrear as armas e impedir que sejam traficadas através das fronteiras.

AFP/GETTY IMAGES



AFP/GETTY IMAGES

GRUPO ESTADO ISLÂMICO USA CRIPTOMOEDAS PARA FINANCIAR ATAQUES

EQUIPA DA ADF

O grupo do Estado Islâmico (EI) recorre às criptomoedas para transferir dinheiro de locais como a Somália e a África do Sul para os combatentes noutros pontos do continente.

As doações privadas, conhecidas como “sadaqah” na língua árabe, constituem uma das maiores fontes de rendimento do EI. Embora grande parte deste dinheiro circule através do sistema informal conhecido como hawala, alguns apoiantes do EI utilizam moedas digitais como bitcoin ou tether para transferir dinheiro rapidamente e evitar a detecção por parte das agências internacionais que procuram desmantelar o financiamento do terrorismo.

O Counter ISIS Finance Group informa que a África Ocidental, sede da Província da África Ocidental do Estado Islâmico (ISWAP), se tornou um ponto focal para as transferências de moeda criptográfica. O grupo financeiro representa cerca de 80 países e organizações internacionais que têm como alvo o EI.

A Nigéria, onde a ISWAP opera, é o segundo maior país do mundo a adoptar a criptomoeda como moeda legal, a seguir à Índia. Os nigerianos utilizam as criptomoedas para se protegerem da instabilidade económica. O grande volume de transacções — quase 60 milhões de dólares só em 2023 — significa que o EI e outros grupos terroristas podem perder-se na confusão, dizem os especialistas.

As criptomoedas, como bitcoin, utilizam a tecnologia de cadeia de blocos para verificar o seu valor e acompanhar o seu movimento. Os utilizadores são anónimos, mas quando um endereço de carteira de criptomoeda pode ser associado a um indivíduo, é fácil procurar no livro-razão todas as transacções associadas a esse endereço.

Os observadores dizem que o EI viu as suas finanças caírem de mais de 300 milhões de dólares quando controlava partes do Iraque e da Síria para cerca de 20 milhões actualmente. A organização encorajou as suas filiais africanas, como o EI-Somália e a Província Centro-Africana do Estado Islâmico no leste da República Democrática do Congo, a financiar as suas próprias operações.

“É mais fácil rastrear as criptomoedas do que o dinheiro vivo,” Ahmed Buckley, especialista em financiamento do terrorismo, disse recentemente à publicação de segurança Janes. “Mas isso não impede que estes grupos terroristas e indivíduos experimentem, tentem adaptar-se e aprender, e encontrem formas de explorar as lacunas.”



Ministra da Defesa da Libéria FAZ HISTÓRIA

EQUIPA DA ADF

A Brigadeiro-General Geraldine George, reformada, foi confirmada como Ministra da Defesa da Libéria em Abril de 2024, marcando a primeira vez que uma mulher ocupa o cargo. George alistou-se no exército em 2006, após o fim da guerra civil do país, e ocupou cargos como o de comandante de brigada de infantaria e funções de chefia relacionadas com o pessoal e as operações. Foi chefe-adjunta de gabinete durante seis anos.

Numa entrevista realizada em 2022 para o lançamento do livro “Living Legends (Lendas Vivas),” George disse que a sua primeira paixão foi a advocacia, mas depois de testemunhar a destruição que o seu país sofreu durante a guerra civil, pensou que poderia ter um maior impacto como parte das Forças Armadas da Libéria (AFL) reconstruídas.

“Quando a crise civil chegou e vi como os civis eram tratados e como as pessoas com este uniforme tratavam os civis, senti que podia fazer a diferença quando usava este uniforme,” disse. “Onde as pessoas seriam respeitadas e as pessoas respeitariam o uniforme.”



George serviu na missão de manutenção da paz das Nações Unidas no Mali e foi galardoada com a Medalha das Nações Unidas em 2017. Tem um mestrado em relações internacionais e recebeu formação especial em informações, combate ao terrorismo, gestão do sector público e administração da justiça.

Numa entrevista para a Comissão das Nações Unidas sobre o Estatuto das Mulheres, em 2021, George disse que apenas cerca de 3% das AFL eram mulheres, mas que ela e outros estavam a trabalhar

para aumentar esse número através do recrutamento, da sensibilização e de políticas para melhor acomodar as mulheres soldados.

Mas, segundo ela, as mulheres têm de mostrar o seu valor às forças armadas para serem totalmente aceites.

“Conseguir a adesão das mulheres não tem apenas a ver com o número,” afirmou. “Trata-se de ser competente. Temos de mostrar que trabalhámos arduamente e que merecemos essa posição.”

Acrescentou ainda que espera que outras sigam o seu exemplo e aspirem a cargos de liderança.

“Dei o exemplo a muitas mulheres. Quebrei a regra tradicional que diz que é um mundo de homens e que só os homens podem estar nas forças armadas. As mulheres também podem fazer parte da força e podem até fazer melhor, seja em posições de chefia ou outras.”

George está ao serviço numa altura particularmente difícil. O anterior Ministro da Defesa foi forçado a demitir-se devido aos protestos das esposas dos soldados das AFL sobre as condições de alojamento, remuneração e benefícios de reforma.

A Brigadeiro-General Geraldine George, então vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Libéria, participa num exercício em Alpena, Michigan, em 2019.

GUARDA NACIONAL DE MICHIGAN





As Forças Populares de Defesa da Tanzânia receberam dois edifícios laboratoriais renovados que ajudarão o país na sua luta contra o HIV/SIDA.

O projecto foi financiado pelo Programa de Emergência do Presidente dos EUA para a Luta contra a SIDA (PEPFAR), o maior fornecedor de ajuda ao HIV/SIDA no continente. Os representantes do PEPFAR apresentaram à TPDF, em Fevereiro de 2024, os edifícios renovados do Dispensário de Makambako, na região de Njombe, e do Hospital Militar de Mbalizi, na região de Mbeya.

A TPDF desempenha um papel de liderança na luta contra a propagação do HIV no país e está a implementar testes de HIV e intervenções nos seus 21 centros de saúde militares em todo o país.

“A TPDF valoriza a parceria entre a Tanzânia e o governo dos EUA no apoio aos esforços do país para o controlo da epidemia do HIV até 2025 e os esforços globais para acabar com

Pessoal da Tanzânia e dos EUA visita os edifícios laboratoriais renovados num hospital militar em Mbeya, na Tanzânia. As instalações foram concebidas para ajudar as Forças de Defesa Popular da Tanzânia a efectuar testes e a tratar o HIV. HJFMRI TANZÂNIA

o HIV como uma preocupação de saúde pública até 2030,” disse o Brigadeiro-General Charles Mwanziwa.

As renovações aumentaram a capacidade dos laboratórios e permitirão diagnósticos e tratamentos mais atempados do HIV e de outras doenças.

A Tanzânia registou grandes progressos na luta contra a doença. O número de pessoas que vivem com o HIV diminuiu de 7% em 2003 para 4,4% durante um inquérito nacional de 2022-2023. O número de novas infecções diminuiu de 72.000 por ano em 2016 para 60.000 durante o inquérito mais recente. A prevalência do HIV continua a ser mais elevada nas zonas urbanas do que nas zonas rurais.

O país está a progredir em direcção a um objectivo conhecido como 95-95-95. Isso significa que 95% das pessoas com HIV conhecem o seu estado através de testes, 95% das pessoas que necessitam de tratamento anti-retroviral recebem-no e 95% das pessoas em tratamento conseguem suprimir a carga viral.

“Estes inquéritos mostram que os nossos esforços na Tanzânia estão a ter um impacto poderoso no mundo real. Destacam também o que temos de fazer a seguir para acabar com o HIV na Tanzânia,” afirmou o Dr. Mahesh Swaminathan, director nacional dos CDC da Tanzânia. “Estes dados revelam as principais áreas que continuam por alcançar e que requerem atenção urgente.”

Senegal Toma Medidas para Proteger a Fronteira Leste com Sentinelle Est

EQUIPA DA ADF

As Forças Armadas do Senegal (SAF) lançaram em Fevereiro de 2024 uma operação terrestre, fluvial e aérea para restabelecer a segurança no extremo leste do país, que faz fronteira com o Mali. A operação, conhecida como Sentinelle Est, desmantelou locais ilegais de extracção de ouro ao longo do rio Faleme, interrompeu rotas de tráfico e enfrentou quadrilhas violentas que ameaçavam a região.

“O objectivo é reforçar a segurança das populações que vivem ao longo da fronteira,” a direcção de informação pública militar do Senegal disse num comunicado. “Foram realizadas acções em todas as aldeias fronteiriças, em locais de interesse económico e em espaços desabitados.”

Em Abril de 2024, a operação estava em curso. As SAF referiram a cooperação com os seus homólogos malianos para travar um grupo armado “particularmente violento” que actua na zona. O esforço incluiu patrulhas terrestres e fluviais, reconhecimento das rotas transfronteiriças e acções de sensibilização da população civil para as ameaças.

Numa actualização de 9 de Abril, a direcção informou que as forças armadas tinham uma “boa presença no terreno” e que estavam em curso esforços para “reforçar a segurança da população e proteger as infra-estruturas e a actividade económica.”

Os analistas alertaram para a ameaça que representa para o Senegal a expansão da presença terrorista no oeste do Mali, em particular dos combatentes alinhados com o grupo extremista Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin. Este grupo opera perto da fronteira senegalesa em zonas como Kéniéba, no Mali, um centro de extracção ilegal de ouro.

“Os jihadistas ainda não têm capacidade para extrair o ouro, mas procuram antes tributar os mineiros locais,” Mathias Khalfauoui escreveu para o Hudson Institute. “Para além dos benefícios financeiros que os jihadistas obtêm nestas regiões, estas áreas de actividade criminosa são propícias ao recrutamento de jihadistas.”

Em 2022, o Senegal inaugurou uma nova base militar em Goudiry, no leste do país. A base destina-se a melhorar a capacidade das forças armadas para fazer face às ameaças e ao tráfico transfronteiriços.



UNMISS TENTA ACALMAR OS FOCOS DE TENSÃO NO SUL DO SUDÃO



DEFENCEWEB

No final de 2023, assistiu-se a um aumento do conflito intercomunitário em partes do Sudão do Sul, que resultou em 862 casos de morte, ferimentos, raptos e violência sexual relacionada com o conflito, de acordo com uma missão de manutenção da paz das Nações Unidas.

A Missão das Nações Unidas no Sudão do Sul (UNMISS) produziu o seu último relatório trimestral de 2023 e constatou um aumento de 4% nos incidentes e um aumento de 35% nas vítimas em comparação com o trimestre anterior.

A violência intercomunitária perpetrada por milícias e/ou grupos de defesa civil foi responsável por 86% de todos os civis afectados durante o período. O principal foco de conflito, o Estado de Warrap, registou um aumento de 87% no número de vítimas em relação ao trimestre anterior, passando de 244 para 457. Mais de metade das pessoas afectadas pela violência foram apanhadas em ataques de retaliação relacionados com o actual conflito fronteiriço entre as comunidades Dinka Twic Mayardit, em Warrap, e Dinka Ngok, em Abyei, tendo sido mortas 263 pessoas e feridas 186.

O relatório regista um aumento de 54% das vítimas de rapto, de 65 para 100, em relação ao trimestre anterior.

Os ataques em pequena escala por alegados elementos armados Murle, da Área Administrativa da Grande Pibor, representam 43% de todos os raptos no Sudão do Sul. O documento refere que 104 vítimas foram objecto de violência sexual.

A protecção civil da UNMISS no país mais novo do mundo registou mais de 10.000 patrulhas de manutenção da paz realizadas por terra, ar e barco em 2023. A missão ajuda as comunidades a reconciliarem-se e a construir a paz através do diálogo e apoia activamente os processos políticos e de paz, incluindo a reforma do sector da segurança e da justiça, a elaboração da constituição e os preparativos para as eleições.

A ONU renovou o mandato da missão por mais um ano. Tem sido renovado anualmente desde a sua criação em 2011. Desde 2021, o seu mandato tem sido o de “evitar o regresso à guerra civil, construir uma paz duradoura a nível local e nacional e apoiar uma governação inclusiva e responsável e eleições livres, justas e pacíficas.”

No entanto, uma investigação recente do Instituto de Estudos de Segurança, sediado na África do Sul, indica que a missão carece de um mandato explícito de reforma do sector da segurança e da capacidade para o levar a cabo.

As forças de manutenção da paz do Gana no Estado de Unity, no Sudão do Sul, efectuem frequentemente patrulhas para estabelecer contacto com as comunidades e responder às suas preocupações.

GREGORIO CUNHA/UNMISS



Um instrutor das Nações Unidas mostra ao pessoal da UNMISS como utilizar cães para detectar minas. GREGORIO CUNHA/UNMISS



União Africana Apoia a Missão da SADC na RDC EQUIPA DA ADF

A União Africana, através do seu Conselho de Paz e Segurança, aprovou a decisão da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral de enviar tropas para a República Democrática do Congo para restabelecer a paz e a segurança na parte oriental do país, contrariando os protestos do Ruanda.

Um comunicado emitido após uma reunião do Conselho de Paz e Segurança da União Africana, em Março de 2024, solicitou à Comissão da UA para “mobilizar o apoio necessário” para a SAMIDRC, a missão de manutenção da paz da comunidade regional na RDC. A defenceWeb informou que os primeiros elementos da missão chegaram ao leste da RDC em meados de Dezembro de 2023, com o movimento programado de parte do contingente de 2.900 homens da África do Sul a ser suspenso devido à falta de aeronaves.

A força SAMIDRC contará com 5.000 efectivos da África do Sul, do Malawi e da Tanzânia. A SAMIDRC substituiu a Força Regional da Comunidade da África Oriental, cujo mandato terminou no final de 2023.

A RDC está a lutar contra o grupo rebelde M23, também conhecido como Exército Revolucionário Congolês, que é maioritariamente constituído por Tutsis. A rebelião do M23 de 2012 a 2013 contra o governo da RDC deslocou um grande número de pessoas.

Pessoas deslocadas devido aos combates entre as forças congolêsas e os rebeldes do M23 reúnem-se num campo nos arredores de Goma, RDC, em Março de 2024. THE ASSOCIATED PRESS

EQUIPA UGANDESA ELIMINA DEI DA ROTA DE ABASTECIMENTO

EQUIPA DA ADF

A equipa de dispositivos explosivos das Forças de Defesa Popular do Uganda começou o ano de 2024 eliminando dispositivos explosivos improvisados (DEI) na principal rota de abastecimento de Lower Shabelle Shalambot/Ceeljale, como parte da Missão de Transição da União Africana na Somália.

A equipa foi destacada depois de terem explodido engenhos explosivos, aparentemente colocados por combatentes do al-Shabaab, que atingiram um veículo civil que transportava cinco pessoas, de acordo com a defenceWeb. Os feridos foram evacuados por uma coluna humanitária da missão para Ceelwaligo para receberem tratamento.

Depois de a equipa ter desimpedido essa secção da estrada, o Comandante do Grupo de Batalha 37 do Uganda, Coronel Charles Asimwe, condenou a colocação de DEI.

“Os actos hediondos e bárbaros cometidos pelo al-Shabaab, que consistem em colocar engenhos explosivos ao longo das estradas, devem ser condenados pelos amantes da paz em todo o mundo. O al-Shabaab está empenhado em garantir que a Somália não atinja a paz total,” disse, segundo a missão.

De acordo com o Projecto Borgen de combate à pobreza, décadas de guerra deixaram cerca de 1 milhão de minas terrestres na Somália. Estes explosivos mataram milhares de somalis e feriram inúmeros outros. A presença de minas também limita o acesso das comunidades à terra, impedindo o crescimento das culturas e causando fome.

A neutralização dos DEI tem por objectivo garantir a segurança das colunas de ajuda humanitária que prestam ajuda essencial às comunidades. A missão de manutenção da paz afirma que o al-Shabaab coloca DEI para impedir que os viajantes utilizem as estradas públicas.

O Serviço de Acção contra as Minas das Nações Unidas foi criado em 1997, com o objectivo de eliminar a ameaça representada pelas minas, pelos resíduos explosivos de guerra e pelos engenhos explosivos, através da coordenação da remoção de minas, da liderança de respostas operacionais a nível nacional e do apoio a operações de paz. Ao longo dos anos, o serviço treinou, orientou e equipou as tropas da missão da União Africana na Somália com uma série de capacidades de mitigação de ameaças de DEI.



As forças de manutenção da paz do Uganda celebram um feriado nacional ugandês enquanto servem na Missão de Transição da União Africana na Somália, em Fevereiro de 2024. FARDOSA HUSSEIN/ATMIS



Parceria dos EUA com o Gana Para o Exercício Leão Marinho

EQUIPA DA ADF

A base marítima expedicionária da classe Lewis B. Puller USS Hershel “Woody” Williams concluiu a sua participação no Exercício Leão Marinho 2024 ao lado da Marinha do Gana no Golfo da Guiné em Março de 2024.

O navio, conhecido como HWW, recebeu cinco marinheiros ganeses, enquanto dois marinheiros americanos embarcaram em navios da Marinha do Gana. Durante a troca de pessoal, os marinheiros dirigiram-se para a longitude e latitude 0 graus, onde o Meridiano de Greenwich se cruza com o Equador. Os marinheiros regressaram então aos seus próprios navios através de duas transferências de pessoal separadas partindo de uma tripulação de um barco insuflável de casco rígido HWW.

Quando os navios chegaram às coordenadas, os marinheiros a bordo dos navios ganeses realizaram uma cerimónia de travessia da linha.

O exercício destinava-se a testar a resistência e a prontidão de combate de navios seleccionados da Marinha do Gana. O objectivo era também treinar o pessoal em manobras da frota, testar a interoperabilidade dos três serviços

Marinheiros ganeses e americanos participam na cerimónia de lançamento da bandeira do Exercício Leão Marinho 2024 em Tema, Gana. SUBOFICIAL DE 2ª CLASSE ETHAN MORROW/MARINHA DOS EUA

das Forças Armadas do Gana e melhorar as operações de combate ao terrorismo, de acordo com um relatório do Business & Financial Times.

“Foi uma experiência fantástica ir até lá e aprender realmente a sua cultura e a cerimónia da travessia da linha,” disse Andrew Hill, Oficial de Máquinas da Marinha dos EUA, um dos marinheiros que embarcaram nos navios da Marinha do Gana. “Foi muito bom trabalhar com eles, porque foram anfitriões absolutamente fantásticos para nós enquanto estivemos a bordo.”

O HWW está destacado para a Baía de Souda, na Grécia, e é o primeiro navio da Marinha dos EUA destacado para a área de responsabilidade do Comando dos EUA para África. O navio pode efectuar missões expedicionárias, dissuadir a pirataria, garantir a segurança marítima e prestar assistência humanitária e em caso de catástrofe.

BRASIL TREINA SOLDADOS SUL-AFRICANOS EM GUERRA NA SELVA

DEFENCEWEB

Um grupo de soldados sul-africanos ligados à missão de paz das Nações Unidas na República Democrática do Congo conta com mais uma habilidade, a guerra na selva, graças ao treinamento oferecido por especialistas brasileiros.

Trinta e seis soldados sul-africanos ligados à Brigada de Intervenção da Força da ONU e identificados como tendo potencial de instrutor foram seleccionados para treinamento especializado pelo destacamento brasileiro da Equipa Móvel de Treinamento de Guerra na Selva. Oito especialistas do Centro de Instrução de Guerra na Selva do Brasil apresentaram o curso de seis módulos.

Os sul-africanos treinaram tiro, navegação, movimentos táticos e operações ofensivas. Também tiveram uma visão geral da guerra na selva.



O Batalhão da República da África do Sul concluiu o seu curso de treino de guerra na selva na República Democrática do Congo.

CAPITÃO K. SETSIBA/ BATALHÃO DA REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL

O grupo do Exército Sul-Africano é o mais recente a beneficiar, depois de os membros da Força de Reacção Rápida terem concluído um curso de formação em guerra na selva realizado pelos seus homólogos brasileiros em Agosto de 2023. Em 2022, 30 membros da Força de Reacção Rápida I da África do Sul receberam seus distintivos Jaguar após treinamento conduzido por uma Equipe Brasileira de Treinamento Móvel de Guerra na Selva.

Os soldados quenianos e malawianos destacados para a missão de manutenção da paz na RDC também beneficiaram da experiência e dos conhecimentos especializados brasileiros.

As autoridades descreveram os brasileiros como “as pessoas escolhidas para esta formação devido à sua experiência e troféus neste domínio.” Os soldados sul-africanos também recebem treino de guerra na selva no seu país de origem antes de serem destacados.



— PAÍSES AUTORIZAM — 2 MILHÕES DE DÓLARES — PARA NEUTRALIZAR — EXPLOSIVOS ETÍOPE

DEFENCEWEB

Doações da Dinamarca e do Japão ajudarão o Serviço de Acção contra as Minas das Nações Unidas (UNMAS) a prosseguir as operações humanitárias de acção contra as minas no norte da Etiópia após o conflito de 2020 a 2022.

A contribuição da Dinamarca é, segundo um comunicado da ONU, superior a 1 milhão de dólares. O Japão autorizou 1,19 milhões de dólares.

O financiamento será atribuído à UNMAS para promover a paz e a segurança no norte da Etiópia.

A contaminação explosiva põe em perigo a segurança da comunidade e dificulta o desenvolvimento económico, uma vez que restringe o acesso à terra e aos recursos.

Um especialista descobriu explosivos no exterior de um campo para pessoas deslocadas internamente em Tigré, no norte da Etiópia.

SERVIÇO DE ACÇÃO CONTRA MINAS DAS NAÇÕES UNIDAS

O trabalho da UNMAS para remover minas terrestres e restos de guerra explosivos garante, entre outras coisas, que as entregas de ajuda humanitária não sejam interrompidas. A UNMAS também formará etíopes para efectuarem o trabalho angustiante.

O último aumento do financiamento garantirá que as equipas da UNMAS continuem a inspeccionar e a marcar áreas perigosas e a recolher informações precisas sobre a localização de engenhos explosivos e minas terrestres. O financiamento também cobrirá a formação de sensibilização do pessoal humanitário para os riscos dos explosivos.

“A UNMAS está empenhada em melhorar a segurança da população da Etiópia e em coordenar as intervenções humanitárias de acção contra as minas no país,” declarou Francesca Chiaudani, chefe da acção contra as minas da UNMAS na Etiópia.

Agradeceu à Dinamarca e ao Japão pelas suas contribuições, acrescentando que a acção contra as minas era “essencial para permitir o regresso à normalidade dos sistemas de educação e de saúde.”



ANÍBAL, ESPECIALISTA EM TÁTICAS DE CAMPO DE BATALHA

EQUIPA DA ADF

Passam quase 3.000 anos desde o tempo do conquistador da África do Norte, conhecido simplesmente como Aníbal. No entanto, continua a ser recordado como um génio militar, um homem que utilizou elefantes na guerra e um homem que ajudou a moldar o curso da civilização.

É mais conhecido pela audácia do seu maior feito militar: o seu exército atravessou os Alpes para invadir a região actualmente conhecida como Itália.

Aníbal Barca nasceu em 247 a.C. na cidade de Cartago. Os vestígios da cidade permanecem até hoje no que é actualmente Túnis, a capital costeira da Tunísia. Nasceu na riqueza e no poder de uma cidade que era a força dominante no Mediterrâneo Ocidental. Mas os interesses militares e comerciais da região estavam em conflito com Roma. O pai de Aníbal incutiu-lhe um ódio pela República Romana que duraria por toda a sua vida.

A rivalidade entre as duas potências conduziu às Guerras Púnicas. A primeira começou em 264 a.C. e durou mais de 20 anos. Roma foi a vencedora e impôs condições severas a Cartago, que incluíam a paralisação da sua marinha. Depois de o pai de Aníbal ter sido morto numa campanha militar e de outro oficial ter sido assassinado, os soldados cartagineses em Espanha elegeram Aníbal como seu líder. Conquistou

Espanha, estabelecendo uma base para a sua eventual guerra contra Roma.

Em 218 a.C., começou a sua missão de atravessar os Alpes. A viagem exigia uma logística e uma engenharia sofisticadas.

Para transportar os seus 37 elefantes através dos cursos de água, construiu molhes e pô-los a flutuar em jangadas cobertas de terra. Os seus cavalos eram transportados em grandes barcos ou obrigados a nadar. A viagem a partir de Cartagena, em Espanha, demorou cinco meses, e a travessia dos Alpes demorou 16 dias. Na travessia das montanhas, os seus soldados enfrentaram ataques de guerrilheiros, condições climatéricas adversas e terreno acidentado. Concluiu a travessia com 25.000 homens de infantaria, 6.000 de cavalaria e a maior parte dos seus elefantes.

As suas vitórias em Trébia, no Lago Trasimeno e nas Canárias, são consideradas obras-primas da guerra táctica. Foi sempre capaz de ultrapassar os generais romanos. As tropas de Aníbal devastaram o exército romano, matando pelo menos 15.000 soldados. Muitos foram atirados à água para morrerem afogados. Capturou mais 15.000 romanos e tropas aliadas. As suas tropas interceptaram e destruíram reforços de cerca de 4.000 cavaleiros.

Mas não invadiu a cidade de Roma. Os historiadores teorizam que as suas tropas estavam demasiado

Aníbal fez flutuar os seus 37 elefantes através de cursos de água em jangadas cobertas de terra.

cansadas dos combates ou que Aníbal pensava que a cidade estava demasiado bem fortificada. Havia também o problema de os dirigentes de Cartago não lhe fornecerem os reforços e os recursos de que necessitava para continuar a avançar.

Os líderes romanos, como Fábio Máximo e Cipião Africano, aprenderam com as táticas de Aníbal e com os seus próprios erros. Máximo evitou o confronto directo com as forças de Aníbal, optando, em vez disso, por uma guerra de desgaste e por ataques estratégicos contra os bens cartagineses noutros locais, incluindo o Norte de África. Diz-se que Máximo derrotou Aníbal sem nunca ter ganho uma única batalha decisiva. O ponto de viragem deu-se com a Batalha de Zama, em 202 a.C., em que Africano derrotou Aníbal, marcando o fim da Segunda Guerra Púnica e assegurando o domínio de Roma no Mediterrâneo. O título honorífico de Africanus significa “conquistador de África.”

Após a sua derrota, Aníbal regressou a Cartago, onde se tornou magistrado e foi responsável por reformas económicas e militares. Mas tinha feito inimigos no país e no estrangeiro, e a sua aversão à Roma foi retribuída em igual medida. Os romanos queriam-no como prisioneiro.

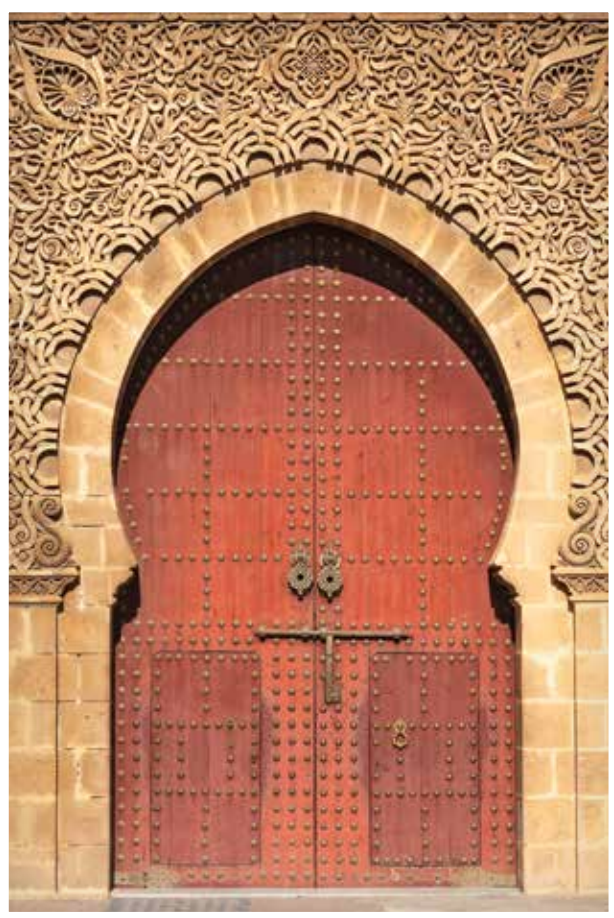
Sete anos depois da Batalha de Zama, Aníbal fugiu de Cartago para o exílio. Passou os anos que lhe restaram como hóspede bem-vindo e conselheiro militar nas cortes dos monarcas orientais. Em alguns casos, esteve directamente envolvido na guerra contra os seus inimigos, os romanos.

As circunstâncias da sua morte, por volta de 182 a.C., são desconhecidas. Segundo um relato, quando descobriu que o castelo onde vivia estava cercado por soldados romanos, envenenou-se. Outro relato diz que o seu anfitrião no castelo o envenenou.

Aníbal é considerado um dos maiores tácticos militares e generais da Antiguidade, sobretudo como um estratega brilhante que sabia identificar os seus pontos fortes e fracos e os dos seus adversários.

DICAS

- 1 Os almorávidas fundaram esta cidade em 1061 d.C. como uma colónia militar.
- 2 Está sobretudo associada ao sultão Moulay Ismail, que reinou de 1672 a 1727 e a transformou numa capital espectacular com 45 quilómetros de muralhas exteriores.
- 3 O seu desenho urbano integra a arquitectura e o urbanismo islâmicos e europeus.
- 4 Por detrás das altas muralhas defensivas da cidade encontram-se 25 mesquitas, 10 termas públicos, palácios, celeiros, vestígios de estalagens de comerciantes e casas particulares.





PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na ADF e deixe a sua opinião ser ouvida.

Normas Para Publicação de Artigos na ADF

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a ADF irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS

Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a ADF, o autor concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da ADF através do ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie a sua correspondência para um dos seguintes endereços:

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany



ESTÁ ANSIOSO PELA PRÓXIMA EDIÇÃO?

Em ADF-Magazine.com, trazemos para si uma cobertura aprofundada de questões de actualidade que afectam a paz e a estabilidade todas as semanas. Confira a nossa página da internet e tenha as mesmas notícias fiáveis e credíveis sobre segurança, trazidas semanalmente, cobrindo todo o continente.



FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a ADF no Facebook, Twitter e Instagram ou pode juntar-se à nossa lista de e-mails, inscrevendo-se na nossa página da Internet, ADF-Magazine.com, ou enviando um email para News@ADF-Magazine.com.